



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação – FAC
Departamento de Jornalismo

HEROÍSMO NA CRÔNICA ESPORTIVA
DE NELSON RODRIGUES

Douglas Carvalho do Nascimento

Brasília, DF
2015

DOUGLAS CARVALHO DO NASCIMENTO

HEROÍSMO NA CRÔNICA ESPORTIVA DE NELSON RODRIGUES

Monografia submetida ao curso de graduação em Comunicação Social (Jornalismo) da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção de Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Professor Paulo Roberto Assis Paniago

Brasília, DF

2015

O HEROÍSMO NA CRÔNICA ESPORTIVA DE NELSON RODRIGUES

DOUGLAS CARVALHO DO NASCIMENTO

Monografia submetida ao curso de graduação em Comunicação Social (Jornalismo) da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção de Título de Bacharel em Jornalismo.

Professor (Doutor): Paulo Roberto Assis Paniago, UnB
Orientador

Professor (Doutor): Solano dos Santos Nascimento, UnB
Membro Convidado

Professor (Doutor): Luiz Martins da Silva, UnB
Membro Convidado

Professor (Doutor): Fernando Oliveira Paulino, UnB
Suplente

Brasília, DF

2015

Aos meus pais, Cleudes Campos e Redelvino Mendes.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor Paulo Roberto Assis Paniago, por aceitar o desafio de conduzir este estudo, demonstrar interesse pelo tema proposto e aconselhar-me com paciência ao longo da elaboração desta pesquisa.

Aos professores Luiz Martins da Silva e Solano dos Santos Nascimento, por terem aceitado de pronto integrar a banca examinadora.

A todos os meus professores nestes cinco anos de curso, que ministraram disciplinas com afinco e me conduziram com maestria à formação acadêmica.

Aos meus pais novamente, por todo o sacrifício feito para que eu pudesse realizar meus sonhos.

A minha irmã, Geovanna Nascimento, pela compreensão.

A Thayanne Moreira, pela paciência, apoio e compreensão durante a elaboração deste projeto.

Aos meus amigos, Alexandre de Paula, Augusto Berto, João Gabriel Amador, Lucas Vidigal, Mateus Vidigal e Max Valarezo, que me ajudaram a alcançar meus objetivos.

Aos meus amigos Braitner Moreira e Alexandre Botão, por me proporcionarem a chance de vivenciar a função de repórter no caderno Super Esportes do jornal *Correio Braziliense*, além de me fazerem enxergar o jornalismo esportivo de maneira criativa e inovadora.

Aos meus colegas do *Correio Braziliense*, Amanda Martimon, Thaís Cunha, Vítor de Moraes, Rodrigo Antonelli, Lorrane Melo, Maíra Nunes, Cida Barbosa, Marcos Paulo Lima, Gustavo Marcondes e Jéssica Raphaela, que sempre contribuíram para que eu melhorasse meu desempenho na profissão de jornalista.

A Universidade de Brasília, onde vivo vários dos melhores momentos da minha vida.

Some people believe football is a matter of life and death. I am very disappointed with that attitude. I can assure you it is much, much more important than that. (Bill Shankly)

Algumas pessoas acreditam que futebol é questão de vida ou morte. Fico muito decepcionado com essa atitude. Eu posso lhe assegurar que futebol é muito, muito mais importante que isso.

RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar crônicas esportivas escritas por um dos cânones deste gênero no Brasil, Nelson Rodrigues, publicadas entre 1958 e 1966 e reunidas por Ruy Castro no livro *A pátria de chuteiras*. Dada a importância do futebol na sociedade brasileira e do cronista para o jornalismo esportivo, traça-se uma relação entre os históricos do esporte, da crônica e da vida do autor. Em seguida, esta monografia busca compreender, pelo método de estudo de caso, como Nelson elevou jogadores da Seleção Brasileira de futebol a categoria de heróis de uma nação, quase deuses, e como estes representaram um país cuja história carece deste tipo de figura. Para isso, fez-se neste trabalho análise de elementos presentes nos textos do cronista que corroboram com o ideal heroico retratado por Joseph Campbell em *O herói de mil faces*, tido como base do estudo. A partir destes fatores, o estudo constrói uma reflexão acerca da diferenciação de Nelson Rodrigues em meio a outros expoentes do gênero e da importância dos heróis para o Brasil.

Palavras-chave: Crônica esportiva; futebol; heróis; Nelson Rodrigues.

ABSTRACT

This study aims to analyze sports columns written by one of the canons of this kind in Brazil, Nelson Rodrigues, published between 1958 and 1966 and collected by Ruy Castro in *A pátria de chuteiras*. Given the importance of football in Brazilian society and columnist for sports journalism, it draws up a relationship between the history of this sport, the column and the author's life. Then, this thesis seeks to understand, through the case study method, as Nelson raised players of the Brazilian football to the category of heroes of a nation, almost gods, and how they represented a country whose history lacks this type of figure. For this, there was this analysis work of elements present in the texts of chronicler that corroborate the heroic ideal portrayed by Joseph Campbell in *The hero with a thousand faces*, that has been basis of this study. From these factors, the study builds a reflection on the differentiation of Nelson Rodrigues amid other exponents of the genre and the importance of heroes to Brazil.

Keywords: Sports column; football; heroes; Nelson Rodrigues.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
REFERENCIAL TEÓRICO	13
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
1.PRAZER, NELSON RODRIGUES	16
2.OS HERÓIS HIPERBÓLICOS	24
2.1 Pelé: o gênio indubitável.....	28
2.2 Garrincha: o drible certo com pernas tortas	33
2.3 Didi, príncipe da Abissínia	38
2.4 Os sub-heróis	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	47
ANEXOS	49

APRESENTAÇÃO

A possibilidade de trilhar um futuro no qual alio futebol e jornalismo foi o que me motivou a ingressar na universidade. Do sonho frustrado de me tornar jogador profissional, comum a quase todos os meninos brasileiros, passei a vislumbrar a carreira de repórter. Deveria trabalhar de qualquer maneira em alguma área em que eu estivesse ligado ao futebol. Fosse árbitro, dirigente, gandula. Escolhi as palavras.

Desde quando descobri a paixão pelo futebol, aos cinco anos de idade, em 1997, a frustração de não haver me tornado um atleta foi acompanhada de uma inquietação a respeito do lado não encantador deste jogo. Aos poucos, os casos que retratavam corrupção neste esporte, como há em qualquer outro, despertaram em mim a fantasia de mudá-lo para melhor. Comecei, aos 21 anos, como repórter estagiário no caderno Super Esportes do jornal *Correio Braziliense*, e percebi que fazer reportagens e notícias sobre os eventos futebolísticos não bastaria. Era preciso opinar de modo incisivo (e levar este trabalho a milhões de pessoas).

Vasculhando livros para aprimorar minha até então incipiente habilidade no jornalismo esportivo, achei *A pátria de chuteiras*. A obra de Ruy Castro reúne 40 crônicas de Nelson Rodrigues, publicadas dos anos 1950 aos 1970, maior parte delas publicada diariamente no *Jornal dos Sports*, *O Globo* e na revista *Manchete Esportiva*. Muitos destes textos permanecem inéditos em livro. Eu não sabia quem era este cronista-dramaturgo ou qual o legado deixado por ele. Nem mesmo que era tão admirado por haver escrito novelas e peças de teatro. Mas os textos contidos neste livro me fascinaram. Ao lê-los, senti como se estivesse sentado frente a frente com o autor, tomando café em um simples bate-papo sobre futebol.

Diferentemente do que fazem os cronistas atuais, que abordam táticas, criticam o treinador que não escalou a estrela do time ou alterou o posicionamento da equipe de modo equivocado, Nelson se apegava às minúcias do jogo. Para ele, o que realmente importa são os fatores externos e subjetivos do jogo que devem se tornar tema de debate. A condição social ou racial de determinado jogador, a deselegância do jogador europeu, a malandragem e capacidade de improviso do brasileiro, o trauma causado em toda uma nação por causa de uma derrota da seleção nacional.

O fato de os jornais dos dias de hoje não destinarem espaço a cronistas encantadores como Nelson, ou a falta de criatividade destes jornalistas em abordar o futebol de maneira semelhante, me inquieta e entristece. Hoje, a Internet é o principal espaço de veiculação destes textos, que nas folhas de papel se tornam cada vez menor.

Após descobrir a importância de Nelson Rodrigues para o jornalismo esportivo brasileiro, comecei a procurar por estudos a respeito da obra do autor. Deparei-me com algumas pesquisas, que em maioria tratavam do legado deixado na dramaturgia. Para minha felicidade (e ligeira preocupação sobre escassez de fontes que embasassem meu estudo), nenhum dos trabalhos que tratam da crônica esportiva de Nelson se aprofunda em um aspecto intrigante que notei nos textos de *À pátria de chuteiras*: a elevação dos jogadores da Seleção Brasileira a condição de heróis nacionais.

Nelson expressa um ufanismo exacerbado quando o assunto é Brasil em campo. Aos olhos do jornalista, os atletas representavam toda a nação. Eram guerreiros capazes de causar frisson e comoção generalizada na sociedade brasileira. Pelé, Garrincha e outros craques gravaram o nome na história do Brasil como heróis, em um país cuja trajetória carece deste tipo de ícone, graças às crônicas de Nelson Rodrigues.

O heroísmo atribuído a meros humanos que corriam atrás de uma bola, descritos nos textos agrupados em *A pátria de chuteiras*, se tornou, assim, meu objeto de estudo neste trabalho, que se divide em três partes. “Prazer, Nelson Rodrigues” é introduzido por um breve histórico da crônica, que chegou ao Brasil antes de Nelson e do futebol. Em seguida, é traçada a trajetória do cronista atrelada ao desenvolvimento deste esporte e do gênero textual no país. Este capítulo perpassa a vida do pernambucano, que conheceu o esporte ainda na infância, no Rio de Janeiro, e também os fatores que levaram à iniciação da vida jornalística e à reinvenção da crônica esportiva, ao lado do irmão Mário Filho.

Em “Os heróis hiperbólicos”, inicia-se efetivamente a análise das crônicas agrupadas em *A pátria de chuteiras* que abordam a seleção nacional. Destaca-se como Nelson Rodrigues transformou craques do escrete em heróis, quase deuses, bem como os elementos externos que os elevaram a esta condição de acordo com a descrição da saga heroica abordada por Joseph Campbell em *O herói de mil faces*. Dentre os ídolos da nação retratados por Nelson, destacam-se Pelé, o maior goleador da história do futebol e da Seleção Brasileira, intitulado “rei” aos 17 anos; Garrincha, o mulato criado no subúrbio carioca que atribuiu graça e improviso ao jogo,

representando fielmente o povo brasileiro. E Didi, o “príncipe etíope de rancho”, exemplo máximo do negro brasileiro.

Por fim, “Os sub-heróis” trata daqueles que não alcançaram as marcas de Pelé ou desfrutavam da malandragem de Garrincha com a bola nos pés, mas não eram menos gênios. Estes contribuíram para rechaçar o “complexo de vira-latas”, o sentimento de que o brasileiro era inferior aos estrangeiros, agravado pela derrota para o Uruguai na decisão da Copa do Mundo de 1950, sediada no Brasil.

Nas “Considerações finais” condensei as ideias apontadas neste estudo, com o objetivo de ressaltar a importância de Nelson Rodrigues para a formação de heróis nacionais de um povo cuja história carece deste tipo de figura.

REFERENCIAL TEÓRICO

Em *O herói de mil faces* (1997), Joseph Campbell trabalha a noção de que todas as histórias estão interligadas por um mesmo fio condutor. Desta maneira, desde os mitos antigos, abordando também os contos de fadas, as fábulas, o cinema e até o futebol, a humanidade vem recontando, de certo modo, sempre as mesmas histórias. Esta “história subliminar” que serve como pano de fundo de outras histórias o autor classifica como “A Jornada do Herói Mitológico”, e tem contribuído e orientado pesquisadores que se dedicam às diversas manifestações do *storytelling* (o contar histórias), desde jornalistas, escritores (romancistas, contistas, entre outros), dramaturgos, roteiristas e críticos de cinema. De acordo com Campbell, seria possível estruturar qualquer história a partir do roteiro básico da “jornada do herói”, ou seja, desconstruir as histórias com o objetivo de detectar nelas os passos que constituem a “jornada”.

Dentre os tipos de história aos quais se aplica este conceito da trajetória heroica, está o caminho do ídolo de uma nação surgido a partir dos feitos alcançados por ele no esporte. No caso do Brasil, o futebol e um dos importantes meios de se recontar a história, a crônica esportiva (de Nelson Rodrigues) elevaram simples mortais à condição de heróis nacionais adicionando elementos da jornada deste tipo de figura.

Para a seleção de modo específico o material a ser analisado neste estudo, considerou-se 12 crônicas dentre as 40 reunidas por Ruy Castro em *A pátria de chuteiras* (2013). O critério para escolha dos textos desta obra se justifica porque ela agrupa as principais crônicas de Nelson Rodrigues que tratem especificamente da Seleção Brasileira e foram veiculadas simultaneamente no *Jornal dos Sports*, *O Globo*, *Manchete Esportiva* e *Fatos e Fotos*.

Os textos estudados neste trabalho foram publicados de março de 1958 a agosto de 1966, pois foi neste período que se construiu a imagem heroica acerca de Pelé, Garrincha e outros jogadores da seleção nacional. Em 1970, quando o Brasil conquistou o tricampeonato mundial e se afirmou de vez entre as potências do futebol, estas figuras já haviam adquirido a alcunha de salvadores da pátria. Integrantes da equipe vencedora naquele ano, como Gérson, Tostão,

não inauguraram um novo sentimento na sociedade brasileira como fizeram os atletas de 1958 e 1962. Exceto Pelé, que participou das três conquistas.

Além disso, em 1966, na Copa do Mundo da Inglaterra, o Brasil protagonizou um vexame: foi eliminado ainda na primeira fase. A derrocada causada pelo incidente é parte essencial da jornada do herói descrita por Campbell, como será abordado mais adiante neste estudo. Este estudo também foca as crônicas nas quais os heróis nacionais se inserem no contexto da Seleção Brasileira. Isso porque eles só atingiram a condição em nível nacional graças a esta equipe, embora fossem ídolos dos respectivos clubes antes mesmo de alcançarem o topo do heroísmo na Seleção.

Nelson Rodrigues viveu no Rio de Janeiro de 1912 a 1980, ano de sua morte. Ele se tornou torcedor do Fluminense Football Club, mas maior parte dos textos futebolísticos do cronista tinham como tema também os rivais cariocas do Tricolor das Laranjeiras: Botafogo, Flamengo e Vasco. O objetivo deste trabalho é estudar a construção da imagem dos heróis nacionais e, portanto, a seleção do material envolveu as publicações sobre a Seleção Brasileira, símbolo máximo da representação do futebol do país.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a seleção de modo específico o material a ser analisado neste estudo, considerou-se 12 crônicas dentre as 40 reunidas por Ruy Castro em *A pátria de chuteiras* (2013). O critério para escolha dos textos desta obra se justifica porque ela agrupa as principais crônicas de Nelson Rodrigues que tratam especificamente da Seleção Brasileira e foram veiculadas simultaneamente no *Jornal dos Sports*, *O Globo*, *Manchete Esportiva* e *Fatos e Fotos*.

O método escolhido para se utilizar neste trabalho é o estudo de caso. Bressan (2000) descreve este processo como um método qualitativo. “De modo específico, este método é adequado para responder às questões ‘como’ e ‘por que’ que são questões explicativas e tratam de relações operacionais que ocorrem ao longo do tempo mais do que frequências ou incidências” (2000, p. 45-54).

A abordagem proposta no trabalho se enquadra, então, nas possibilidades de utilização do estudo de caso defendidas por Bressan (2000). Os objetivos deste método são: “(1) capturar o esquema de referência e a definição da situação(...), (2) permitir um exame detalhado do processo e (3) esclarecer aqueles fatores particulares ao caso que podem levar a um maior entendimento da causalidade” (2000, p. 150).

Deste modo, optou-se pelo estudo de caso, complementado por análises descritivas das crônicas esportivas de Nelson Rodrigues, para construção do ideal acerca dos heróis nacionais do futebol.

1. PRAZER, NELSON RODRIGUES

A crônica é um dos diversos meios de se contar o passado. Paul Veyne enuncia que “tudo é histórico” logo no título do segundo capítulo de *Como se escreve a história*, traduzido e compilado por Maria Beatriz Nizza da Silva em *Teoria da história* (1976, p. 45). Nesta obra, um dos principais autores da historiografia contemporânea, pertencente à terceira geração (surgida na década de 1970) da Escola dos Annales, na França, sugere uma abordagem acerca da historiografia além da visão positivista da história como crônica sobre fatos. Veyne propõe o rompimento com a divisão das ciências sociais (História, Sociologia, Psicologia, Economia, Geografia, entre outras) a fim de privilegiar os métodos pluridisciplinares. O autor afirma que a história é conhecimento, sempre inconcluso, que se constrói mediante documentos e indícios.

Assim, a crônica se insere entre estes registros que individualizam eventos históricos que acontecem em função dos fatos, o que significa que eles nunca se repetem, ainda que possam tratar do mesmo tema.

O gênero crônica nasceu na Idade Média, quando viajantes europeus relatavam a história nos próprios reinos. Segundo Hernani Cidade e Carlos Selvagem (CIDADE; SELVAGEM, 1967, p. 163-164), é em Portugal, no século XII, que começa “a aflorar a prosa em documentos redigidos num português ainda tosco mas em vias de instrumento literário”. Por isso, a crônica assume função documental e se sustenta essencialmente pela construção subjetiva de narrativas sobre fatos cotidianos em ordem cronológica (CAMPOS; COELHO; DUTRA, 2012, p. 2807) – como sugere a etimologia do termo, *chronos*, do grego, que indica noção de tempo e memória: ao produzi-la, o cronista adiciona emoção e a própria visão a respeito dos temas abordados no texto. David Arrigucci Jr. observa também que a crônica precede os incontáveis meios de historiografia (1987, p. 51):

[...] trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido – uma definição que se poderia aplicar igualmente ao discurso da História, a que um dia ela deu lugar. Assim, a princípio ela foi crônica histórica, como a medieval: uma narração de fatos históricos segundo uma ordem cronológica, conforme dizem os dicionários, e por essa via se tornou uma precursora da historiografia moderna. Tal gênero supõe uma sociedade para a qual importa a experiência progressiva do tempo, um passado que se possa concatenar significativamente, a História, enfim, e não apenas um tempo cíclico ou repetitivo, implicando noutra forma de narrativa – o mito (...) a crônica pode constituir

o testemunho de uma vida, o documento de toda uma época ou um de se inscrever a História no texto. (ARRIGUCCI, 1987, p. 51)

Por vezes rotulada como “gênero menor” (CANDIDO, 1980, p. 5) e híbrido, a crônica vaga no limite da “rivalidade amiga”: se situa entre a subjetividade da literatura e a objetividade do jornalismo, que teriam surgido quase na mesma época: “Em 1456, Gutenberg inventou a imprensa e também criou o livro, ao editar a Bíblia. Além disso, o primeiro jornal semanário – *Gazzete de France* – surgiu em 1631, em Paris, considerada a capital mundial da literatura” (ANDRADE, 2008, p. 12). Ainda que esteja no entremeio destes campos, a crônica assume “maior afinidade” com o fazer jornalístico, por se tratar de fatos e eventos mundanos, como aponta Gustavo de Castro em *A palavra compartilhada*:

O jornalismo traz quotidianamente o mundo para dentro do texto escrito. Põe no papel fatos, cenas, realizações, eventos os mais variados, num movimento em que extrai do mundo a matéria-prima necessária para retransformá-la em narração. Para o escritor, o movimento é inverso. O mundo exterior também é fundamental, mas não determinante como o é para o jornalista, já que o escritor pode buscar na sua própria subjetividade toda a sua literatura, fazer da memória a fonte de sua escritura, tornar eventos ‘pouco jornalísticos’ significativos do ponto de vista humano, e até mesmo fazer o jornalismo virar literatura, a exemplo do que fez Gabriel García Márquez. (CASTRO, 2002, p. 73).

Relacionado ao Brasil, este tipo de texto teria surgido durante as navegações iniciais dos portugueses à terra recém-descoberta, que, aos próprios olhos, retratavam a futura colônia ao rei de Portugal. Em meados do século XIX, o gênero se constrói em terras brasileiras mediante uma espécie de fusão de dois tipos de textos: o ensaio, que contribui com um caráter mais informal dos assuntos tratados, e o folhetim, que incorpora a dimensão ficcional dos eventos e temas descritos de forma literária. Esta mescla ratifica a identidade da crônica brasileira como espaço heterogêneo.

Desta forma, o percurso da crônica no país percorre a fase de alastramento do jornal, a partir da segunda metade do século XIX, quando há abertura de espaço para a publicação de textos curtos. Do modo em que se produz nos dias de hoje, a crônica brasileira nasceu a partir da década de 1850, com a criação dos primeiros jornais e revistas (FACCIOLI, 1982, p.139) – Francisco Otaviano teria sido o cronista pioneiro, que introduziu este tipo de texto no *Jornal do Comércio*, no Rio de Janeiro, em dezembro de 1852. Os escritos ocupavam a seção intitulada “Folhetim”: um artigo de rodapé sobre as questões do dia – políticas, sociais, artísticas, literárias (FÁVERO; MOLINA, 2011, p. 72).

Nos anos finais daquele século, o remo – e o turfe, tradicional corrida de cavalos –, popularizado no Rio, tornou-se destaque de páginas inteiras nos jornais da cidade, o que acarretou a origem da crônica esportiva brasileira. A partir da década de 1910, o prodígio futebol, trazido ao país em 1894 por paulistano Charles Miller¹, desbancaria as regatas nos periódicos cariocas e paulistas:

Robert M. Levine, num breve texto sobre o futebol brasileiro (1982), afirma que, já em 1913, as reportagens sobre uma partida de futebol frequentemente cobriam uma página inteira. Os jornais importantes do Rio e São Paulo começaram a empregar repórteres de futebol em período integral, e os jornais diários de futebol apareceram no fim da década. (MARQUES, 2000, p. 81)

Enquanto o futebol se estabelecia no Brasil como um esporte popular e os jornais aos poucos começavam a dá-lo destaque merecido, nascia um dos cânones deste gênero. A 23 de agosto de 1912, em Recife, Maria Esther Falcão de Freitas dava à luz o quinto – e mais célebre – de 14 filhos que teria de Mário Leite Rodrigues: Nelson Falcão Rodrigues veio ao mundo com o DNA jornalístico do pai, que àquela época era redator no *Jornal da República* (CASTRO, 2013, p. 17). Nelson superou facilmente a barreira de saber dosar a liberdade do cronista, como observa Giovana Chiquim em *O cronista e a arte de “dançar nas correntes”* (2014, p. 69): “É preciso encontrar o *savoir-faire* (saber-fazer), apresentar uma coluna balanceada, mesclar útil e o inútil, a reflexão e o humor, a sabedoria e a insensatez”. O autor combinou emoção e objetividade e deixou obras ilustres para as gerações seguintes, como ressalta Linda Clark no artigo *Nelson Rodrigues: jornalismo e literatura na dose certa*:

Nelson Rodrigues produzia muito e trabalhava sob a pressão de ter de publicar uma crônica jornalística diária. Deixou uma obra impressionante, coerente e complexa. Se a obra tendeu mais para a ficção ou para os fatos não importa. A questão é irrelevante. Como a polaca de *Viúva, porém honesta* que responde, quando é perguntada se é estrangeira: “Faz diferença?” Não faz. Nelson escreveu grandes obras e também vendeu muitos jornais. (CLARK, 2002, p. 11)

O talento de Nelson em mesclar fato e fantasia surgiu, inclusive, ainda na infância, aos oito anos de idade. Ele estava no segundo ano do primário quando a professora organizou um concurso de redações com temas livres entre os alunos. O vencedor lia o texto para o restante

¹ O paulistano Charles Miller viveu e estudou na Inglaterra a partir de 1884. Na volta ao Brasil, uma década depois, ele trouxe um livro de regras criadas pela entidade inglesa Football Association (FA) em 1863, bolas de capotão e um par de chuteiras.

da turma. Ela, no entanto, elegeu dois ganhadores, Nelson e um menino chamado Frederico, que havia feito uma redação sobre as andanças de um rajá sobre um elefante. Ao contrário do texto do colega, a composição de Nelson não poderia ser lida na frente da sala, como conta Ruy Castro em *O anjo pornográfico*, biografia sobre Nelson Rodrigues:

[...] Era uma história de adultério. Um marido chega de surpresa em casa, entra no quarto, vê a mulher nua na cama e o vulto de um homem pulando pela janela e sumindo na madrugada. O marido pega uma faca e liquida a mulher. Depois ajoelha-se e pede perdão. (CASTRO, 2013, p. 24)

A frase inicial da redação de Nelson, “A madrugada raiava sanguínea e fresca”², bastou para pasmar, além de Amália, as demais professoras da escola pública Prudente de Moraes. Elas se uniram na frente da classe e olharam para ele por um longo tempo (CASTRO, p. 24, 2013). A trama possivelmente tenha sido fundada em um dos casos de traição nos arredores da própria casa. Adultérios e velórios eram corriqueiros na rua Alegre, no centro do Rio, onde Nelson vivia. No local, ele passou a exercitar a observação e o relato dos fatos desde a infância: “estava identificando a sua descoberta do mundo à movimentação da vizinhança”.

Neste tempo, o futebol já havia entrado na vida do pernambucano. Primeiramente, ao torcer pelo Andaraí, um pequeno clube cujo campo se localizava nas imediações da casa de Nelson, que vivia em Aldeia Campista – hoje o bairro é apenas parte de Vila Isabel –, no centro do Rio. Acompanhado do amigo Pedro Bloch, ele se encarapitava sobre o muro de um vizinho para ver³ as partidas do clube, que brigava sempre nas posições inferiores da tabela. Mais tarde, ao apaixonar-se pelo Fluminense, em 1919. Nelson passou a admirar o clube por causa do tricampeonato carioca (1917, 1918 e 1919) conquistado naquele ano. E não assistiu a uma partida sequer: ele e o irmão Mário Filho não tinham idade e dinheiro para tomar o bonde até Laranjeiras, onde se situava o estádio do time. Em uma época em que não havia transmissões ou programas esportivos pelo rádio ou televisão, que nem havia surgido, os dois passaram a admirar o tricolor e citar a escalação da equipe de cor por meio de relatos do primogênito dos

² A frase escrita por Nelson Rodrigues foi tirada quase literalmente do soneto *As pombas*, de Raimundo Correia, publicado no livro *Sinfonias*, em 1883. O verso do poeta maranhense dizia, porém, “raia sanguínea e fresca a madrugada”.

³ Nelson não amava torcer mais que jogar, embora seja difícil imaginá-lo “correndo atrás da bola como um coelhinho de desenho animado”. Na rua em que vivia, havia duas equipes de peladas: Tiradentes, no qual ele era atuava na posição de meia-direita, e Black and White. Os irmãos de Nelson contam que ele era valente, veloz e bom driblador. Melhor que Mário Filho e muito melhor que Milton, que começava a sofrer por sobrepeso (CASTRO, 2013, p. 31-2).

Rodrigues, Milton, que assistia aos jogos (CASTRO, 2013, p. 28-32). Durante a adolescência, porém, a paixão de Nelson pelo futebol foi ofuscada pelas sucessivas desilusões amorosas do pernambucano. As diversas vezes em que o coração dele fora partido pelas moças cariocas o levaram, inclusive, a um estado de depressão, superado a medida que ele se desenvolvia na carreira jornalística e tinha menos tempo para preocupações sentimentais.

O futebol do Brasil na década de 1910 ainda era amador e, aos poucos, abandonava o caráter aristocrático⁴ e racista que afastava negros e pobres dos jogos. Quando Nelson começou a dedicar crônicas aos temas futebolísticos, estes componentes do esporte no país haviam quase se extinguido: este novo momento do futebol no Brasil afastou a gente chique que frequentava os estádios. Eles não dispunham mais de tanto tempo livre para ir aos jogos por terem de trabalhar. Antes marginalizados, mulatos, negros e brancos pobres, por outro lado, se tornaram os principais atores do espetáculo, dentro e fora dos gramados. Mas, ainda nos dias atuais, o racismo caminha a passos lentos para ser abolido no futebol. Jogadores, técnicos e árbitros sofrem injúrias vindas, principalmente, das arquibancadas. Ao menos a segregação, como veto de negros a estádios ou clubes, não é evidente na sociedade atual.

Antes de se consagrar como cronista esportivo, Nelson se notabilizou no teatro brasileiro. O escritor já havia deixado sua marca na dramaturgia com peças como *Vestido de noiva* (1943) e *Álbum de família* (1946).

Nelson Rodrigues também escreveu nove romances – dos quais se destaca *Asfalto selvagem: Engraçadinha, seus pecados e seus amores* (1959) – e contos, mas por isso não lhe é atribuída tanta relevância quanto ao que se refere à produção futebolística, além das peças teatrais. A partir da segunda metade da década de 1950, Nelson se juntou a um dos três irmãos mais velhos, Mário Filho⁵, o grande precursor da crônica esportiva no Brasil. Fraternidade à parte, o próprio Nelson definiu assim o principal inspirador neste gênero, em um texto-manifesto pedido pela revista *Manchete* após a morte de Mário Filho, em 1966. “Minha vontade

⁴ Desde a implementação no Brasil, o futebol assumiu caráter elitista e segregador. O esporte chegou ao país por meio de estrangeiros ou membros da aristocracia carioca e paulista que viajavam à Europa. Por isso, dos últimos anos do século XIX até meados da década de 1910, o futebol era reservado a gente chique e de pele branca, nas arquibancadas e nos campos.

⁵ Mário Filho publicou uma das mais completas obras da literatura esportiva sobre a origem do futebol no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro. *O negro no futebol brasileiro*, lançado em 1947, detalha pormenores sobre a consolidação do esporte na sociedade brasileira a partir das décadas de transição do século XIX para o XX até os anos 1940.

era sair, de porta em porta, dizendo a amigos, conhecidos e até desconhecidos: – ‘Mario Filho foi o único grande homem que eu conheci’”:

Até que, um dia, Mario Filho apareceu. Pode-se datar o nascimento da crônica esportiva. Foi quando ele publicou uma imensa entrevista com Marcos de Mendonça. O famoso goleiro anunciava sua volta. O patético, porém, não era o fato em si, mas a sua escandalosa valorização jornalística. A matéria inundava um espaço jamais concedido ao futebol – meia página! Era a época em que o esporte vivia empurrado, escorraçado para um canto da página. O melhor jogo do mundo não merecia mais de três linhas. [...] havia também no seu texto uma visão inesperada do futebol e do craque, um tratamento lírico, dramático e humorístico que ninguém usara antes. Criara-se uma distância espectral entre o futebol e o torcedor. Mario Filho tornou o leitor íntimo do fato. (RODRIGUES, 1994, p. 8-10)

Em 1931, Mário Filho assumiu a página de esportes do jornal *O Globo*, fundado em 1925, a convite de Roberto Marinho, proprietário do periódico aos 21 anos. Àquele tempo, o pernambucano, aos 23, era considerado um veterano na seção. Ele aceitou a proposta, mas a condicionou às idas dos irmãos mais novos, Nelson e Joffre, que, no entanto, não receberiam pelo trabalho (CASTRO, 2013, p. 115). Naquele ano, Mário Filho criou um dos primeiros jornais especializado em esporte, o *Mundo Esportivo*. O diário, porém, teve curta duração (RODRIGUES, 2004, p. 44). Em 1936 – com suporte financeiro a participação direta de Roberto Marinho no negócio –, tornou-se dono do *Jornal dos Sports*. Mario Filho até o fim da vida exerceria o posto de jornalista esportivo, proprietário e editor-chefe do diário.

Ainda que o futebol estivesse enraizado na sociedade brasileira desde os anos 1930 (RODRIGUES FILHO, 2013, p. 173), quando já existiam os principais clubes e campeonatos estaduais dos dias de hoje e o esporte bretão havia abandonado o amadorismo e se tornado profissional, os jornais não especializados dedicavam pouco espaço ao jogo. “O destaque máximo dado ao futebol àquela época pela imprensa era um reles comentário sobre a ocorrência do evento, a data, o local, os participantes e o resultado no rodapé da página (RICALDE, 2007, p. 26). Nelson Rodrigues – que não tinha formação acadêmica em jornalismo, mas se lançou como repórter de polícia aos 13 anos, no jornal *A Manhã*, de propriedade do pai, Mário Rodrigues (CASTRO, 2013, P. 45) –, portanto, se uniu a Mário Filho com objetivo de alavancar a crônica esportiva brasileira a partir dos anos 1950.

A dupla inaugurou um novo estilo de crônica esportiva. Para preencher os períodos sem eventos esportivos, que obrigaram redações a fechar as portas por não conseguirem manter o interesse do grande público (MARQUES, 2000, p. 83-84), os irmãos utilizaram as próprias

colunas, em jornal ou revista, para trazer relatos aos leitores de maneira apaixonada, tornando os fatos futebolísticos mais dramáticos em tempos em que não existia concorrência da televisão nas coberturas esportivas. Nelson, em especial, tratou de aproximar o leitor e o texto. Em parte das crônicas analisadas neste estudo ele, inclusive, começa o texto com o termo “amigos”:

São textos que têm a escrita ágil característica de Nelson, com a peculiaridade de sustentarem uma maneira sofisticada de perceber o futebol. De crônica em crônica, ele sintetiza a noção de uma “alma brasileira” ao associar o futebol à concepção de uma identidade nacional. Por isso, além do interesse que possuem na conformação da imagem autoral de Nelson, podem ser lidas como território em que duas representações, esporte e narrativa, se articulam. (VOGEL, 1997, p. 2)

Apesar de atribuírem uma nova faceta à crônica esportiva no Brasil, os irmãos Rodrigues não foram os primeiros a abordar o futebol em colunas de jornais. Isso porque na década de 1920 não faltaram críticos ferrenhos ao novo esporte. O racismo escancarado e a tentativa de clubes em afastar jogadores pobres do futebol, enquanto Nelson tinha os primeiros contatos com o bate-bola, despertaram revolta em quem, de alguma forma, tinha ligação com negros e desfavorecidos. O jornalista e escritor Lima Barreto, nacionalista exacerbado e filho de operário mulato, foi o mais notório deles. Ele condenou com veemência o “novo esporte bretão”, privilégio exclusivo da elite, mas que já abrangia fortemente as camadas mais pobres da sociedade brasileira, em crônicas publicadas na revista *Careta* ou no jornal *A.B.C.*, principalmente nas duas décadas seguintes.

Em sua guerra ao futebol, Lima Barreto chega a dizer que a redução da atividade intelectual ao ‘tal jogo de pontapés’ produziria uma possível oxicefalia, espécie de alteração antropológica afetando o crânio, que assumiria a forma alongada, cônica ou pontuda de ‘cabeças de chuchu’ ou em ‘pão de açúcar’, a se disseminar hereditariamente pelas gerações. (WISNIK, 2008, p. 150)

Lima Barreto atém-se não somente ao aspecto segregador do “tal jogo de pontapés”, mas às minúcias do jogo. O escritor, inventor da “Liga Brasileira Contra o Futebol”⁶, execra a brutalidade do *match*. Ele credita ao desporto a “grosseria no ambiente”, o “desdém pelas coisas de gosto, e reveladoras de cultura” e a “brutalidade de maneiras, de frases e de gestos” dos praticantes (*Gazeta de Notícias*, Rio, 7/2/1922). Maldizia até mesmo – por vezes recorria a

⁶ Em uma de suas crônicas, Lima Barreto “fundou” a “Liga Brasileira Contra o Futebol”, que não passava de uma organização fictícia de oposição ao esporte.

ironia – quem apenas assistia às partidas, as namoradas, mães e irmãs dos jogadores que os prestigiavam nas arquibancadas. O comportamento do público, em contraste com a rispidez dos lances em campo, em geral era polido, apesar das críticas de Lima Barreto. Não era raro, porém, que a elegância das espectadoras desse lugar a gritos e xingamentos:

As senhoras que assistem, merecem então todo o nosso respeito. Elas se entusiasmam de tal modo que esquecem todas as conveniências. São as chamadas ‘torcedoras’ e o que é mais apreciável nelas, é o vocabulário. Rico no calão, veemente e colorido, o seu fraseado só pede meças ao dos humildes carroceiros do cais do porto. Poderia dar alguns exemplos, mas tinha que os dar em sânscrito. Em português ou mesmo em latim, eles desafiariam a honestidade: e é, por um, que me abstenho de toda e qualquer citação elucidativa. (BARRETO, *Careta*, Rio, 4/10/1919)

A partir da década de 1940, Nelson Rodrigues escreveu incontáveis crônicas de futebol, o que se seguiu até o fim da vida, em 1980. Em 1955, ele passou a se dedicar diariamente a este gênero: inicialmente no *Jornal dos Sports* (até 1966) e, mais tarde, a partir de 1962, em *O Globo*. Nos anos 1950, ele produziu textos também para a *Manchete Esportiva*, revista semanal que durou de 1955 a 1959.

Os problemas de saúde por quais Nelson passou ao longo de toda sua vida, no entanto, impediram que o escritor escrevesse crônicas em tempo regular e, por isso, há várias lacunas em que os textos não foram publicados nos meios para os quais trabalhava. Apenas um estudo bastante exaustivo e minucioso poderia levantar a quantidade de crônicas esportivas que ele escreveu durante mais de três décadas – e que foram alguns milhares de textos (MARQUES, 2000, p. 16-7).

2. OS HERÓIS HIPERBÓLICOS

Ao alavancar a crônica esportiva brasileira junto ao irmão Mário Filho, Nelson Rodrigues moldou este gênero à própria maneira. O jornalista aproximou o leitor do texto, tornando as publicações uma espécie de diálogo com o receptor e expôs uma visão metafísica – que está além da experiência empirista do ser humano – do jogo ao adicionar ficção e atributos que transcendiam o que os olhos dele podiam perceber: afetado pela cório-retinite ou uveíte aguda, sequela de uma tuberculose, Nelson mal enxergava um palmo à frente do nariz. A deficiência o impedia até mesmo de distinguir jogadores adversários, a ponto de ter confundido os uniformes em um Fluminense x Bangu. O Fluminense jogava com o uniforme reserva, todo branco, e o Bangu com uniforme listrado de vermelho e branco, que o fizeram confundir com a tradicional camisa tricolor do clube de Laranjeiras. Como descreve Ruy Castro:

(Nelson) Via vultos correndo pelo campo e só fazia uma ideia do que estava acontecendo porque as torcidas têm um código coletivo, de uhs e ohs, além dos gritos de gol. Impressionante é que isso nunca o tenha impedido de ir ao futebol e, durante muitos anos, escrever e falar sobre ele. (Mas sempre tomando a precaução de ter alguém ao seu lado para “irradiar-lhe” o jogo). (CASTRO, 2013, p. 150)

Frequentador assíduo do Estádio Maracanã, onde àquela época havia arquibancadas distantes do gramado, Nelson compensou a deficiência visual abusando da imaginação. Para ele, a magia do jogo estava além da bola, dos jogadores, da torcida. Aspectos técnicos e esquemas táticos pouco importavam em comparação à minúcia. A riqueza descritiva do cronista pode ser comparada, inclusive, ao nível de detalhe representado em transmissões esportivas radiofônicas, como aponta José Carlos Marques (2000, p. 91).

Assim, ele dramatizava principalmente as jogadas de craques dos quatro grandes clubes carioca – Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco – e da seleção brasileira. A fantasia criada por ele em tornos dos dribles, passes e arremates dos atletas lhes atribuiu um heroísmo. Em especial, aos jogadores que protagonizaram as principais conquistas do Brasil em Copas do Mundo – 1958, 1962 e 1970. Para Nelson, os integrantes do escrete⁷ representavam o povo brasileiro e as conquistas, portanto, significariam a glória de toda uma nação, como ressalta

⁷ Maneira como Nelson se referia à seleção brasileira. O termo foi “abrasileirado” do vocábulo inglês *scratch*, que significa, entre outras definições, linha de partida.

Luis Fernando Verissimo na apresentação de *Recados da Bola: depoimentos de doze mestres do futebol brasileiro*, de Jorge Vasconcellos (2010):

Eles fizeram parte das nossas vidas. Foram nossos heróis, nossos mitos, nossa alegria. Quando pararam de jogar, continuaram a ser heróis das nossas lembranças e mitos do nosso passado, e a nos alegrar cada vez que pensamos no que fizeram. Mas também continuaram a ser gente. Antes e depois de participarem de nossas vidas, tiveram suas próprias vidas. (VERISSIMO, 2010, p. 25)

Ronaldo Helal compara em *Mídia, ídolos e heróis do futebol* (1999, p. 1) “estrelas” de movimentos de massa, como música e futebol e salienta que “o ‘sucesso’ de um atleta depende do ‘fracasso’ do seu oponente. É uma competição que ocorre na ação do espetáculo. Ambos, ídolos do esporte e ídolos da música, se transformam em celebridades, porém, só os ídolos do esporte costumam ser considerados ‘heróis’”. Deste modo, Pelé, Garrincha, Didi e outros craques do futebol brasileiros foram endeusados por Nelson Rodrigues. A eles o autor atribuía “poderes” que extrapolavam o que a física poderia explicar. Joseph Campbell acentua que esta concessão de elementos sobrenaturais a simples humanos é natural:

Mas aqueles que fazem as lendas raramente se contentam em considerar os grandes heróis do mundo como meros seres humanos que romperam os horizontes que limitavam seus semelhantes, e retornaram com bênçãos que homens com igual fé e coragem poderiam ter encontrado. Pelo contrário, sempre houve uma tendência no sentido de dotar o herói de poderes extraordinários desde o momento em que nasceu ou mesmo desde o momento em que foi concebido. (CAMPBELL, 1997, p. 166)

Nelson Rodrigues classificava os atletas nacionais vários patamares acima dos estrangeiros – alemães, ingleses, russos –, aos quais ele não poupava adjetivos depreciativos enquanto supervalorizava o atleta nacional. O menosprezo pelo alheio e o engrandecimento dos jogadores, explica Paulo Sérgio Marques, é intrínseco ao processo de construção da imagem do herói:

Todo o imaginário vinculado à jornada do herói que deu origem à narrativa ocidental marca o protagonista com os traços masculinos da transcendência e da vitória sobre o inimigo. [...] São todos expressão de uma mesma simbólica diurna: Ulisses enfrentando o mar informe e nefasto, Artur ou Carlos Magno e seus cavaleiros lutando contra bruxos, dragões ou muçulmanos ou Robinson Crusoe organizando uma natureza caótica e pelejando contra as injunções da brutalidade marítima e terrestre – todos representam um ideal de vitória sobre o Outro, maligno e caótico, inimigo e causador da morte que aniquila o sujeito nascido da consciência patriarcal. (SÉRGIO MARQUES, 2007, p. 69)

A elevação de simples humanos que correm atrás de uma bola ao posto de heróis nacionais, recorrente nas crônicas de Nelson, foi de suma importância no período que abarca os textos aqui estudados (1958 a 1970). Primeiramente, porque a história do Brasil destaca poucos protagonistas de feitos notáveis capazes de se tornarem heróis nacionais até os dias de hoje, ainda que reserve espaço a figuras que adquiriram, no máximo, certa popularidade, como observa José Murilo de Carvalho em *Cidadania no Brasil*:

Não teve muito êxito também a República em promover seus fundadores, os generais Deodoro e Floriano e o tenente-coronel Benjamin Constant, a heróis cívicos. O único que adquiriu certa popularidade foi Floriano, mas a tendência jacobina de seus seguidores fez dele uma figura polêmica. O único que se firmou como herói cívico foi Tiradentes, o único entre os rebeldes mineiros de 1879 que tinha cara popular, e talvez por isso mesmo tenha sido o único a ser enforcado. Pintores o representaram com a aparência de Jesus Cristo, o que sem dúvida contribuiu para difundir sua popularidade. (CARVALHO, 2001, p. 82)

Além disso, a sociedade brasileira enfrentou diversos momentos conturbados durante estes anos, tanto politicamente quanto no futebol. Nos anos 1950, a nação se abalou por causa do suicídio do presidente Getúlio Vargas e o frustrado mandato seguinte de Café Filho. Os anos 1960 e as duas décadas seguintes seriam marcados pelo golpe militar que instaurou repressiva ditadura por quase duas décadas (1964-1985). No futebol, o povo testemunhou a traumática derrota para o Uruguai na finalíssima da Copa do Mundo de 1950, no Maracanã⁸, e a eliminação no Mundial de 1954. Maior parte dos veículos para os quais Nelson contribuía com crônicas (*Jornal dos Sports*, *O Globo*, revista *Manchete Esportiva* e *Fatos e Fotos*, esta última eventualmente publicava um texto do autor) também abarcavam os estados onde o futebol predominava, o que favoreceu a difusão dos textos, em especial, sobre a Seleção Brasileira e os heróis da equipe.

O foco inicialmente da *Manchete Esportiva* – que circulou de novembro de 1955 a maio de 1959 no Rio –, por exemplo, era voltado para os clubes cariocas. Mas a publicação enfatizava veemente o cenário esportivo no Brasil como representação da cultura nacional a partir do tratamento dado à Seleção Brasileira, sobre fracassos e glórias alcançadas nos torneios. A

⁸ A derrota do Brasil para o Uruguai na final da Copa do Mundo de 1950, realizada no Estádio Maracanã, no Rio de Janeiro, ficou conhecida como *Maracanazo* (*Maracanazo*, em espanhol). O revés causou grande comoção no povo brasileiro, que se recuperaria do trauma (ao menos no campo futebolístico) somente em 1958, com a primeira conquista do Mundial, na Suécia. O fracasso seria o maior da história do país internacionalmente: na Copa do Mundo de 2014, novamente realizada no Brasil, a seleção anfitriã caiu diante da Alemanha pelo placar de 7 x 1, nas semifinais.

revista logo passou a abranger os estados de São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, além de contar com correspondentes no exterior (Argentina, Paraguai, Peru, Uruguai, França, Portugal e Tchecoslováquia, hoje dividida em República Tcheca e Eslováquia).

O Globo, parte de um dos maiores conglomerados de comunicação do Brasil, o Grupo Globo (anteriormente conhecido como Organizações Globo), tinha tiragem diária de 187 mil exemplares em 1958, número que subiu para 218 mil em 1960, de acordo com o Anuário Brasileiro de Imprensa, Rádio e Televisão (BARBOSA, 2007, p. 155).

Para um mero mortal ascender ao posto de herói é preciso que tudo conspira a favor. Os principais elementos da jornada devem se alinhar, como se combinassem para acontecer em pré-determinada ordem cronológica em torno do propósito da formação do ídolo. Isto, porém, não basta: o postulante a esta graça deve, antes de tudo, perceber (ou não) que o cenário está propício a alçá-lo ao status heroico:

Numa palavra: a primeira tarefa do herói consiste em retirar-se da cena mundana dos efeitos secundários e iniciar uma jornada pelas regiões causais da psique, onde residem efetivamente as dificuldades, para torná-las claras, erradicá-las em favor de si mesmo (isto é, combater os demônios infantis de sua cultura local) e penetrar no domínio da experiência e da assimilação, diretas e sem distorções [...]. (CAMPBELL, 1997, p. 10)

Este momento de baixa autoestima e perspectiva de transformação da sociedade brasileira favoreceu o surgimento de figuras capazes de notar o ambiente favorável revertê-lo, devolvendo ao povo a confiança e o otimismo. Na política, por exemplo, a eleição de Juscelino Kubitschek à presidência (1956-1961) coincidiu com um período de euforia jamais visto na história do Brasil, graças a promessa de 50 anos de desenvolvimento em cinco anos de mandato (CAMPOS; CLARO, 2012, p. 703). No esporte, Pelé, Didi, Garrincha e outros craques que conquistaram o inédito título da Copa do Mundo, em 1958, na Suécia, e o bi em 1962, no Chile, e o tri no México, em 1970, o que serviu para rechaçar (ao menos naquele período) o que Nelson Rodrigues denominou como “complexo de vira-latas”.

Logo após a partida da Seleção Brasileira rumo à Suécia para o Mundial de 1958, Nelson Rodrigues exalta o escrete, mas faz uma ressalva, que se tornou uma máxima rodrigueana. Na

crônica *Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética*⁹, publicada em 31 de maio de 1958, ele sustenta “a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol”:

Os jogadores já partiram e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda a parte, há quem esbraveje: — “O Brasil não vai nem se classificar!” E, aqui, eu pergunto: — não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado? Eis a verdade, amigos: — desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: — menos a dor de cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. [...] é um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender lá na Suécia. (RODRIGUES, 2013, p. 79-81)

Ou seja, o brasileiro, segundo o autor, se dava por vencido antes mesmo do pontapé inicial quando se deparava com europeus. Não se considerava o melhor nem em competições de “cuspe à distância”. O excesso de humildade e a supervalorização dos estrangeiros impediam, até aquela competição, o sucesso do Brasil e isto se acentuou após a derrota para o Uruguai em casa, no Mundial de 1950.

2.1. Pelé: o gênio indubitável

Dentre os heróis do futebol brasileiro sustentados em pedestais como estátuas de deuses da Grécia Antiga, um deles merece maior destaque: Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. Aos 17 anos de idade, o ex-engraxate já ostentava qualidade técnica suficiente para Nelson, um dos cronistas esportivos mais prestigiados dos anos 1950, fizesse campanha pela convocação do jogador à Copa do Mundo de 1958, sediada na Suécia. De todos os heróis retratados nos textos do autor, Pelé é o único “proclamado” rei somente devido aos feitos alcançados em clube (Santos Futebol Clube), antes mesmo de realizar os principais feitos no esporte, como o protagonismo na decisão deste Mundial e mais de mil gols marcados na carreira – segundo as contas do atleta.

⁹ Título sugerido pela edição do livro *Brasil em campo* (Nova Fronteira, 2012). A crônica foi publicada originalmente na coluna “Meu personagem da semana”, sem título.

O hasteamento da bandeira pela ida de Pelé à copa foi impresso na revista *Manchete Esportiva*, pela qual Nelson se “consolidou como cronista esportivo, escrevendo, a cada semana, um pedaço da história da crônica e do futebol no Brasil, em sua associação à ideia de uma identidade nacional” e assinou 156 crônicas, como destaca Daisi Vogel em *Nelson Rodrigues em Manchete Esportiva: crônicas da alma brasileira* (2007, p. 148). Na crônica intitulada *A realeza de Pelé*¹⁰, datada de 8 de março de 1958 – exatamente três meses antes da Copa da Suécia – e agrupada em *A pátria de chuteiras* (CASTRO, 2013), o cronista “concedeu” coroa e cetro a Pelé e vislumbrou uma carreira marcada por conquistas para o atleta. O apelido de “Rei do futebol”, que acompanha o ex-jogador até hoje, provavelmente se originou a partir desta, que foi a primeira crônica de Nelson sobre o atacante. No texto, o craque é retratado como se pudesse, sozinho, superar os obstáculos e alcançar a vitória. No jogo entre Santos x América, o time de Pelé venceu por 5 x 3, no Campeonato Paulista, realizado antes do Mundial daquele ano:

Depois do jogo América x Santos, seria um crime não fazer de Pelé o meu personagem da semana. [...] Examino a ficha de Pelé e tomo um susto: — dezessete anos! Há certas idades que são aberrantes, inverossímeis. Uma delas é a de Pelé. Eu, com mais de quarenta, custo a crer que alguém possa ter dezessete anos, jamais. Pois bem: — verdadeiro garoto, o meu personagem anda em campo com uma dessas autoridades irresistíveis e fatais. Dir-se-ia um rei, não sei se Lear, se imperador Jones, se etíope. [...] Hoje, até uma cambaxirra sabe que Pelé é imprescindível na formação de qualquer escrete. Na Suécia, ele não tremerá de ninguém. Há de olhar os húngaros, os ingleses, os russos de alto a baixo. Não se inferiorizará diante de ninguém. (RODRIGUES, 2013, p. 85)

Nelson Rodrigues se interessava não apenas pela genialidade técnica e psicológica dos craques, mas pelo contexto social no qual os privilegiados como “personagem da semana” se inseriam. No caso de Pelé, o cronista ressalta cor da pele: o ex-jogador, que se tornaria ídolo de uma nação somente após o Mundial de 1958, foi o primeiro herói negro da história do futebol brasileiro. Ainda que a segregação racial no esporte inexistisse, ao menos, nos principais clubes ao fim dos anos 1950¹¹. Em *A realeza de Pelé*, Nelson o descreve como “racialmente perfeito”

¹⁰ O título da crônica foi sugerido pela edição do livro *À sombra das chuteiras imortais* (Companhia das Letras, 1993), no qual Ruy Castro também reúne publicações de Nelson Rodrigues sobre futebol. A crônica foi publicada originalmente na coluna “Meu personagem da semana”, assinada por Nelson em *Manchete Esportiva*, sem título.

¹¹ Em depoimento a Jorge Vasconcellos, agrupado em *Recados da bola* (2010, p. 121), o bicampeão mundial com a seleção brasileira em 1958 e 1962, Djalma Santos, relembra que, ao se transferir da Portuguesa para o Palmeiras, em 1959, recebeu “um monte de telegramas e telefonemas dizendo que o Palmeiras não aceitava crioulos no time”. Negro, ele manteve a decisão de vestir a camisa alviverde, ainda que o time não contasse com jogadores de mesma cor de pele.

(RODRIGUES, 2013, p. 85), e exalta assim as características naturais da raça negra, como porte físico avantajado, as quais lhe beneficiavam durante os jogos, como endossa Jair Rosa Pinto, ex-companheiro de Pelé no Santos de 1956 a 1960: “Ele (Pelé) era criança, tinha dezessete, dezoito anos, mas era forte, a perna dele era grossa” (VASCONCELLOS, 2010, p. 78).

Outro fator no qual Nelson se debruça para engrandecer Pelé é a pouca idade do jogador em contraponto às habilidades mentais do atacante, características de jogadores considerados experientes no mundo da bola. Em *Pelé, colega de Miguel Ângelo, Homero e Dante*, publicada em janeiro de 1959 na edição especial do *Anuário de ouro* da revista *Manchete Esportiva*, o cronista observa: “Olhem Pelé, examinem suas fotografias e caíam das nuvens. É, de fato, um menino, um garoto. Se quisesse entrar num filme de Brigitte Bardot¹², seria barrado, seria enxotado. Mas reparem: — é um gênio indubitável. Digo e repito: — gênio” (RODRIGUES, 2013, p. 36).

A comparação dos atletas brasileiros a ícones de diversas manifestações artísticas—literatura, música e artes plásticas, por exemplo — é um hábito recorrente de Nelson Rodrigues para dimensionar a genialidade do personagem da crônica. A mestria de Pelé foi equiparada ao talento do artista plástico italiano Michelangelo — chamado por Nelson de Miguel Ângelo —, considerado um dos principais nomes do movimento renascentista, no século XVI, ao poeta épico Homero, autor dos clássicos *Ilíada* e *Odisseia* na Grécia Antiga, e Dante Alighieri, considerado o principal cânone da poesia italiana, autor de *A divina comédia* e que viveu no século XIII.

Joseph Campbell atribui ao herói mitológico “o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes” (1997, p. 16), que corrobora ao feito de Pelé na finalíssima da Copa do Mundo de 1958. Naquele jogo, ele marca dois gols — em um deles, o craque aplica um “lençol” sobre o adversário antes de mandar a bola para o fundo da rede — na goleada de 5 x 2 sobre a Suécia. Embora Vavá (duas vezes) e Zagallo tenham balançado a rede, Pelé é o herói mais lembrado desta conquista. Isso se deve também às imagens em preto e branco do choro do garoto consolado pelos companheiros após o apito final do juiz. Nelson começa a crônica classificando o “Rei do futebol” como o “personagem do ano” e exalta o feito do jogador na campanha da primeira conquista mundial do Brasil como se “a maior alegria de nossa vida” resgatasse o

¹² A atriz francesa, nascida em 1934, estrelou o polêmico filme *Et Dieu... créa la femme* (*E Deus criou a mulher*, no Brasil), o qual transformou Brigitte Bardot em símbolo sexual devido ao forte apelo erótico protagonizado por ela na obra.

orgulho do povo brasileiro após o quase “suicídio nacional” causado pelo *Maracanaço* em 1950 (RODRIGUES, 2013, p. 37-8).

Não se pode esquecer também outro aspecto do processo de transformação de um craque do futebol em herói nacional: o fracasso parcial, em grande parte, causado por “inimigos”. Este traço se apresenta na crônica esportiva anteriormente às publicações de Nelson Rodrigues, em *O negro no futebol brasileiro* (RODRIGUES FILHO, 2013). É inevitável, entretanto, constatar que Nelson “bebeu da fonte” do irmão mais velho. Ronaldo Helal, Antônio Jorge Gonçalves Soares e Hugo Rodolfo Lovisoló verificam em *A invenção do país do futebol* (2001) traços da saga de um herói, marcada também por ataques dos oponentes, na obra de Mário Filho, que se repetem nas crônicas dedicadas a Pelé assinadas por Nelson:

[...] a) ao herói impõe-se uma carência ou dano, uma proibição e o afastamento de sua comunidade; b) a proibição é transgredida, e o herói nessa etapa é enganado ou humilhado por seus antagonistas; c) o herói é submetido a provação, mas algo mágico lhe é doado auxiliando-o a superar as adversidades; d) o herói consegue o triunfo sobre as adversidades; a carência ou dano inicial são reparados, e assim ele retorna à sua comunidade reconhecido pelo seu feito. (HELAL; LOVISOLÓ; SOARES, 2001, p. 17)

A primeira baixa de Pelé se deu em 1962, no Mundial do Chile. Ele se machucou na segunda partida, mas “passou a coroa” provisoriamente a Garrincha, que foi o herói daquele título, como se analisa mais adiante. Mas o principal baque de Pelé que faz jus a trajetória de um herói se deu em 1966. Na crônica *A cara da derrota*, publicada em 12 de agosto de 1966 no jornal *O Globo*¹³, os antagonistas do “Rei” são um complô dos árbitros contra os países sul-americanos – Brasil, Argentina e Uruguai – na Copa do Mundo daquele ano, vencida pela anfitriã Inglaterra, e os adversários do escrete, que tinham como alvo das jogadas ríspidas as pernas do atleta. A imaginação e o uso do exagero, traço essencial dos cronistas esportivos, permite ao autor, inclusive, recorrer à metáfora de que Pelé sofreu um “assassinato” na competição:

Brasileiros, uruguaios e argentinos estavam condenados, previamente, a um cano deslumbrante. Essa Copa, que o nosso Armando Nogueira chama de “Tacinha”, é tão indigna que aconteceu apenas isto: — nela não pôde jogar Pelé, o maior craque do futebol em todos os tempos. Sim, o crioulo foi caçado a patadas, como uma ratazana obesa. Note-se: — isso aconteceu graças à deslavada conivência da arbitragem. [...]

¹³ Título sugerido pela edição do livro *A pátria de chuteiras* (Companhia das Letras, 1994). A crônica foi publicada originalmente na coluna “À sombra das chuteiras imortais”, sem título.

O sujeito é roubado, ofendido, humilhado e não se reconhece nem o direito de ser vítima. [...] Pelé foi exterminado a coices por trás (RODRIGUES, 2013, p. 51-2)

O dano imposto à figura heroica, referido por Helal, Lovisolo e Soares (2001, p. 17), seria na crônica de Nelson todo tipos de pancada utilizados pelos rivais da seleção brasileira na tentativa de parar o principal jogador do escrete, Pelé¹⁴. O afastamento da comunidade se deve à distância entre o jogador e a pátria-mãe, que o impediu de ser abraçado pelo povo. O “triunfo sobre as adversidades”, o reparo da carência ou dano inicial causados ao herói e o posterior retorno à comunidade reconhecido pelo próprio feito corrobora com o caminho percorrido por Pelé até 1970.

Ainda sobre a Copa do Mundo de 1966, na qual o Brasil desempenhou uma das piores campanhas do escrete em mundiais, não passando da primeira fase, há outra passagem característica da trajetória do herói. Embora Nelson Rodrigues justifique o vexame com base na conspiração da arbitragem e a caça dos europeus aos craques brasileiros, o intervalo de 1962 a 1970 é marcado pela ausência de heróis. O futebol mágico e fascinante de Garrincha começava a se esvaír devido ao vício em bebidas alcoólicas do ponta-direita. Pelé, por outro lado, continuou em alta na Seleção, mas sozinho não pôde evitar o desastre de 1966. Este intervalo, segundo Campbell, se faz necessário para propiciar ao ídolo um retorno que devolva a glória ao próprio povo:

Em todos os lugares, pouco importando a esfera do interesse (religioso, político ou pessoal), os atos verdadeiramente criadores são representados como atos gerados por alguma espécie de morte para o mundo; e aquilo que acontece no intervalo durante o qual o herói deixa de existir necessário para que ele volte renascido, grandioso e pleno de poder criador. (CAMPBELL, 1997, p. 18)

O retorno do herói Pelé acontece em 1970, no Mundial do México. Ele levantou a taça Jules Rimet pela terceira vez e voltou ao Brasil aclamado por aproximadamente 75 milhões de pessoas. A conquista rechaçou qualquer resquício de um possível regresso do “complexo de vira-latas” no intervalo de 1962 a 1970 e ratificou o país como uma potência futebolística no cenário internacional.

¹⁴ Em 1966, Pelé já era a principal “ameaça” do Brasil diante dos adversários: o atleta havia conquistado seis Campeonatos Paulistas, quatro Torneios Rio-São Paulo, duas Libertadores da América e duas Taças Intercontinentais (atual Mundial Interclubes) pelo Santos, além de duas Copas do Mundo pela seleção brasileira (1958 e 1962).

2.2. Garrincha: o drible certo com pernas tortas

O fracasso na decisão da Copa do Mundo de 1950, em solo brasileiro, arrasou uma população e os efeitos não castigaram por apenas o restante daquele ano, mas durante quase uma década. O revés causou um estrago tão profundo no ufanista Nelson Rodrigues que, o panorama daquela tragédia é abordado de forma recorrente pelo autor em crônica publicadas nas décadas seguintes – mesmo depois dos títulos mundiais do Brasil em 1958 e 1962, que afirmam o país como uma potência do esporte e afastam por ora o “complexo de vira-latas”.

Nelson se vale deste recurso para exaltar ainda mais os feitos dos heróis construídos por ele. Pois o jornalista os insere em um cenário caótico imprescindível para que os ídolos se sobressaíam, “salvem” a nação e ratifiquem o heroísmo. Como fez na crônica *O Brasil desencadeado*¹⁵, publicada em 16 de junho de 1962 no *Jornal dos Sports*:

Em 50, não foi apenas um time que fracassou no Maracanã. Foi o homem brasileiro, como em Canudos. Em 58, quem venceu? O Brasil. Quando Bellini apanhou o caneco de ouro, era o novo homem brasileiro que se proclamava. Assim será amanhã, em Santiago. Em outro tempo, a luta seria mais dura e mais problemática. O homem do Brasil ainda não tinha amadurecido. Nas grandes partidas internacionais, ele entrava em campo arrasado emocionalmente. Perdia antes da derrota. Mas 58 nos libertou de todas as nossas frustrações. Os negros, os mulatos, os brancos do país surgiram numa plenitude até então desconhecida. (RODRIGUES, 2013, p. 25-6)

O cronista retratava craques do futebol brasileiro como representantes impecáveis do povo. Se o Brasil fracassasse dentro das quatro linhas, caíam ali não 11 homens mais o técnico e a torcida do estádio, mas toda uma nação. Em caso de triunfo, a glória era do país e não somente dos guerreiros que vestiam a camisa da Seleção.

O Garrincha descrito por Nelson foi, do escrete, quem melhor representou a população do Brasil e sintetizou a identidade do futebol nacional no fim dos anos 1950 à década de 1970. Não só pela genialidade com a bola nos pés, mas pela simplicidade e criatividade – esta última por vezes tratada como “malandragem” e “molecagem” – fizeram do ponta-direita um herói rodrigueano e, sobretudo, nacional.

Na crônica *A piada imortal*, publicada pelo *Jornal dos Sports* em 27 de maio de 1962, Nelson destaca a graça e a descontração do Mané que, segundo ele, teriam sido fundamentais

¹⁵ Crônica publicada originalmente na coluna “Nelson Rodrigues dá bom dia”.

para o triunfo contra a Rússia, que tinha seleção qualificada no Mundial daquele ano. Este traço do jogador não se apresentava somente em campo. Fora das quatro linhas, Garrincha era naturalmente engraçado e bem-humorado. O cronista descreve a tensão dos brasileiros logo antes do apito inicial do jogo contra os russos, que seria fruto do sentimento de inferioridade em relação ao europeu, que Nelson sintetizava como “complexo de vira-latas”. O autor também cita a essencial piada contada pelo camisa 7, que teria quebrado todo o clima de apreensão e, assim, aberto caminho para a vitória:

Eu vou dizer o momento exato em que se inaugurou o verdadeiro Brasil. Foi após o hino nacional brasileiro. Os jogadores ainda estavam perfilados e trêmulos. A Rússia seria uma prova crucial. Mais do que nunca dava em cada jogador o dilema: — “Ser uma besta ou não ser uma besta?” E, então, soou, naquele escrete contraído, a voz de Garrincha. Com a sua candura triunfal, dizia o Mané para o Nilton Santos: — “Aquele bandeirinha tem a cara do ‘seu’ Carlito!” Houve, então, o riso incoercível, total. Foi o bastante. O escrete tomou-se de uma nova e feroz potencialidade. E da piada de Garrincha partiu para a vitória. Ali, começava o verdadeiro Brasil. Ninguém sabe, mas foi uma piada que derrotou a grande, a colossal, a imbatível Rússia. A mesma piada deu ao brasileiro a sensação da própria grandeza. Com um quase pânico, o homem do Brasil percebeu que era genial. (RODRIGUES, 2013, p. 24)

Na crônica *Garrincha, passarinho apedrejado* (1962), publicada em 23 de junho de 1962 na revista *Fatos & Fotos*, Nelson se apoia na pureza do jogador e externa este traço de personalidade ao relacioná-lo a um lance no qual o craque foi expulso do jogo. A ocasião foi a finalíssima contra o anfitrião Chile na Copa do Mundo de 1962. Ao atleta, que durante os 19 anos de carreira foi tão sereno e pacato, avesso a confusões dentro de campo, lhe foi atribuída uma das peculiaridades que propiciam a glória ao herói: a injustiça sofrida causada pelos antagonistas – embora não haja como recorrer a um registro audiovisual da jogada para concluir se o cartão vermelho foi, de fato, incabível:

O ladrão fez o diabo para impedir o triunfo brasileiro. Inventou um pênalti, ou seja, deu um gol de presente ao Chile. Perseguiu os nossos jogadores com um descaro gigantesco. Não se conhece, na história do futebol, um apito tão cínico e tão vil. O seu pecado mais horrendo, porém, foi a expulsão de Garrincha. Não há no Brasil, não há no mundo, ninguém tão terno, ninguém tão passarinho como o Mané. O sujeito que se aproxima dele tem vontade de oferecer-lhe alpiste na mão. Os pombos aqui da Cinelândia, os pardais do Boulevard Vinte e Oito de Setembro, diriam: — “Nosso irmão, o Mané.” E Garrincha foi expulso. Mas ganhamos assim mesmo. Pois vencemos o juiz, vencemos o escrete chileno, as manchetes, os terremotos, a cordilheira. Apedrejaram Garrincha, e vencemos. (RODRIGUES, 2013, p. 41)

Joseph Campbell destaca que o herói é quem pôde superar os próprios obstáculos “históricos pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas” – embora explorar o sobrenatural a partir de minúcias seja uma marca recorrente das crônicas esportivas de Nelson Rodrigues. “As visões, ideias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humanos” (1997, p. 11). Além da pureza e simplicidade de Garrincha, o cronista analisa outra característica inata do ponta-direita: o improvisado.

Nelson glorifica a genialidade de Mané devido ao talento do jogador para solucionar – ou como dita a expressão popular, “tirar um coelho da cartola” –, de súbito, situações que aparentam ser insolúveis. Em geral, o jornalista enobrece jogadas nas quais marcadores, em especial europeus, abomináveis aos afetados olhos do cronista pernambucano, são vítimas dos truques do jogador. As “armadilhas” do craque não tomavam mais que uma fração de segundo para serem elaboradas. Isso porque Garrincha não precisava esturricar neurônios para enfileirar adversários no trajeto rumo ao gol. A criatividade era expressa naturalmente, sem antes se fazer um passo a passo sobre como se driblar. O deboche irreverente do jogador lhe rendeu, inclusive, o apelido de “Mané”¹⁶, atribuído por Nelson:

Garrincha não pensa, nem precisa pensar. [...] por ocasião da Copa do Mundo foi cômico, ou melhor, foi sublime. Tínhamos, na delegação, uma preciosidade, que era o psicólogo, o dr. Carvalhais. No seu primeiro contato com Garrincha, o dr. Carvalhais caiu na mais torva e dolorosa perplexidade. Pela primeira vez, em toda a sua experiência humana e profissional, descobria alguém que jamais usara o raciocínio. Imagino que o preclaro dr. Carvalhais há de ter concluído: — “Esse cara não pode jogar!”. Foi preciso que os colegas do “seu” Mané explicassem: — “O Garrincha é assim, mas joga pra burro!” E, de fato, tido como retardado, Garrincha provou, no Campeonato do Mundo, que retardados somos nós, e repito: — nós que pensamos, nós que raciocinamos. Resta perguntar: — se Garrincha não pensa, vive então de quê? Vive do instinto, da prodigiosa e instantânea clarividência do instinto. Enquanto os outros se atrapalham e se confundem de tanto pensar, Garrincha age com rapidez instintiva e incontrolável. (RODRIGUES, 2013, p. 60-1)

A “rapidez instintiva e incontrolável” referida por Nelson em *Tomar ou não tomar o Chicabon?, eis a questão*¹⁷, publicada em 15 de novembro de 1958, corrobora com a origem das ideias e visões dos heróis, que se manifestam nos tempos preambulares da vida destas figuras. Prova disso é a capacidade de improvisar que Garrincha demonstrou ainda na infância

¹⁶ O termo “Mané”, segundo o Dicionário Aurélio da língua portuguesa, significa “tolo, pateta”.

¹⁷ Título sugerido pela edição do livro *Brasil em campo* (Nova Fronteira, 2012). A crônica foi publicada originalmente na coluna “Meu personagem da semana”, sem título.

e que, décadas depois, fez dele um dos principais heróis do Brasil, especialmente por meio da crônica esportiva de Nelson Rodrigues. Ruy Castro, o mesmo que biografou o jornalista, esmiuçou também a vida do camisa 7 da Seleção desde os antepassados indígenas até a melancólica morte, em 1983. Em *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha* (1995), o autor revive um episódio marcado pelo típico senso de improviso de Mané, cujo gosto e habilidade no futebol tenham emergido, ainda que não ele não fosse o “dono da bola” – nascido e criado em Pau Grande, distrito de Magé, no Rio de Janeiro, Garrincha viveu infância difícil junto aos 15 irmãos. A humildade decorrente da vida precária o acompanhou por toda a vida, mas jamais cerceou a própria criatividade:

[...] o pequeno Garrincha não teve patinete, velocípede ou pistola d’água como muitas crianças do seu tempo. Também nunca o obrigaram a usar roupinha de marinheiro. Em compensação, teve todas as peladas com que sonhou e mais algumas. Nos anos 40, quando o futebol era como uma segunda natureza para toda a Nação, o kit de sobrevivência de qualquer menino brasileiro incluía a bola. Mas só os meninos ricos tinham acesso às maravilhosas bolas Superball, de couro marrom, número cinco, que eram usadas nos jogos de verdade. Os outros precisavam improvisar. A primeira bola que Garrincha chutou era de meia, feita com uma meia velha de seu tio Mané Caieira, recheada com pano e papel de embrulho e costurada na boca. Havia ainda as bolas de bexiga e Garrincha chegou a fabricar a sua, soprando uma bexiga de cabrito e dando nó na tripa. E também não era de couro a primeira bola que ganhou. (CASTRO, 1995, p. 35)

Tanto quanto a personalidade de cada personagem, Nelson Rodrigues se apegava à história pessoal de cada retratado. Especialmente a casos dramáticos. Ele mostra que por trás da figura futebolística dos craques há homens comuns e expressa ao leitor o que não era evidente nas transmissões televisivas e, menos ainda, nas radiofônicas. Aborda elementos que constroem a imagem do herói não somente a partir dos próprios feitos, mas com base no lado social dos jogadores. No caso de Garrincha, Nelson descortinou o camisa 7 do Botafogo e revelou o Manuel Francisco dos Santos.

Em 1968, o “anjo de pernas tortas”¹⁸ tinha 35 anos e a carreira no futebol já se encaminhava para o fim. Fora das quatro linhas, era sabido que Garrincha abusava do consumo

¹⁸ Embora esta alcunha se assemelhe às que Nelson Rodrigues atribuía aos craques nacionais, ela foi criada pelo poeta e compositor Vinicius de Moraes, em 1962. Prejudicado pelos problemas de visão, Nelson provavelmente não notava das arquibancadas que as pernas do Mané eram sinuosas. Vinicius, inclusive, intitulou a obra como *O anjo das pernas tortas*: “A um passe de Didi, Garrincha avança / Colado o couro aos pés, o olhar atento / Dribla um, dribla dois, depois descansa / Como a medir o lance do momento. / Vem-lhe o pressentimento; ele se lança / Mais rápido que o próprio pensamento / Dribla mais um, mais dois; a bola trança / Feliz, entre seus pés - um pé-de-vento! / Num só transporte a multidão contrita / Em ato de morte se levanta e grita / Seu unísono canto de

de álcool, principalmente por quem o via frequentar os bares do Rio de Janeiro. Tanto que naquele ano o jogador iniciou defendendo o modesto Junior de Barranquilla, da Colômbia, clube pelo qual havia deixado o Botafogo após 12 anos de dedicação ao alvinegro carioca. Mas a passagem pelo time colombiano durou apenas 90 minutos em campo, a única partida que ele disputou. Em novembro daquele ano, ele voltaria ao Rio, desta vez para defender o Flamengo, um dos principais rivais do clube que o revelou. A fase do ponta-direita – que não defendia a camisa amarelinha da Seleção Brasileira havia dois anos –, porém, não era das melhores e o baixo rendimento era seguramente consequência do alcoolismo. “Garrincha vivia por aí, mais abandonado, mais desprezado do que um cachorro atropelado” (2013, p. 120), apontou Nelson Rodrigues na crônica *Um gesto de amor*¹⁹, publicada em 2 de dezembro de 1968. “Lembro-me de um sujeito que veio me soprar ao pé da orelha: — “Vai acabar na sarjeta!” Outro fez o vaticínio não menos feroz, segundo o qual teria o fim de “O ébrio”, de Vicente Celestino”, prosseguiu o autor.

Nem toda trajetória de herói tem final feliz, o qual ele desfecha soberano, acima de tudo e todos e vive onde reina apenas a paz. O trecho descrito por Nelson evidencia uma passagem decadente da trajetória do herói, que encaminha a história para um fechamento trágico. Campbell exemplifica este tipo de encerramento ao citar Anna Kariênina, heroína e personagem central do romance homônimo escrito pelo russo Liev Tolstói, lançado originalmente em 1877. Ela, uma aristocrata da Rússia czarista, vive em profunda melancolia apesar de ser bela, rica, popular e ter um filho amado. Até que inicia um caso extraconjugal, mas por pressão e julgamento da sociedade da época, não abandona a vida com o marido. Ela se torna cada vez mais isolada e paranoica sobre a fidelidade do amante que perde a noção da realidade:

Nas sete décadas que se passaram desde que essa esposa, mãe e mulher cegamente apaixonada se atirou, em sua desgraça, sob as rodas de um trem terminando assim, com um gesto que simbolizava o que já havia acontecido ao seu espírito, sua tragédia de desorientação [...] O romance moderno, tal como a tragédia grega, celebra o mistério do desmembramento, que se configura como vida no tempo. O final feliz é desprezado, com justa razão, como uma falsa representação; pois o mundo tal como o conhecemos e o temos encarado produz apenas um final: morte, desintegração, desmembramento e crucificação do nosso coração com a passagem das formas que amamos. (CAMPBELL, 1997, p. 13)

esperança. / Garrincha, o anjo, escuta e atende: – Gooooo! / É pura imagem: um G que chuta um o / Dentro da meta, um 1. É pura dança!”

¹⁹ Título sugerido pela edição do livro *À sombra das chuteiras imortais* (Companhia das Letras, 1993), outra obra de Ruy Castro na qual ele seleciona crônicas de Nelson Rodrigues. O texto foi publicado originalmente na coluna “Meu personagem da semana”, sem título.

A tragédia de Anna Kariênina começa quando ela passa a manter um segundo relacionamento amoroso, o que a destrói pouco a pouco. No caso de Garrincha, é o álcool que o corrói e o brilho encantador dos lances protagonizados por ele dentro das quatro linhas se esvanece como poeira ao vento. Em seguida, altera o caráter do herói das conquistas de 1958 e 1962, que nos anos finais da vida epopeica deixou de ser um passarinho e se transformou em uma ave feroz, capaz de atacar a esposa, Elza Soares. Farta das agressões, ela o abandonou, o que agravou ainda mais a solidão vivida por Mané. Em 20 de janeiro de 1983, Garrincha transcendeu ao plano sobrenatural. Tal como aponta Campbell sobre a saga do herói mitológico, aqueles que o admiravam e o seguiam não puderam trazê-lo de volta:

O herói pode ser resgatado de sua aventura sobrenatural por meio da assistência externa. Isto é, o mundo tem de ir ao seu encontro e recuperá-lo. Pois a bênção do domicílio profundo não é abandonada com facilidade em favor da auto-dispersão do estado vígil. “Quem, tendo deixado o mundo”, lemos, “desejaria retornar? Quem assim estivesse, lá ficaria.” E, no entanto, enquanto se estiver vivo, a vida chamará. A sociedade, que tem ciúme daqueles que dela se afastam, virá bater à sua porta. (CAMPBELL, 1997, p. 118)

Garrincha não retornou da “aventura”. Um edema pulmonar o vitimou, aos 49 anos, em um sanatório do bairro Botafogo, Rio de Janeiro, onde ele o haviam admitido outras três vezes como louco e alcoólatra.

2.3. Didi, príncipe da Abissínia²⁰

Embora Nelson Rodrigues atribuísse a Garrincha a representação máxima do lado engraçado e descontraído característico do povo brasileiro, ao meio-campo Didi ele conferia a tradução do que era o negro no país. Leônidas é considerado o primeiro ídolo afrodescendente – e garoto-propaganda²¹ – do futebol brasileiro. Ele protagonizou a maior transação do esporte no Brasil no início dos anos 1940: trocou o Flamengo, em 1942, pelo São Paulo, em negociação de 200 contos de réis, divididos entre clube – 80 contos de réis – e jogador – 120 contos de réis (MENDES JR.; ROSSI, p. 45). O Diamante Negro foi eternizado como um dos principais

²⁰ Atual Etiópia.

²¹ Leônidas teve o apelido, Diamante Negro, utilizado na publicidade do chocolate de mesmo nome, vendido até hoje, entre outros produtos.

jogadores da história destes clubes, mas não alcançou semelhante prestígio na Seleção Brasileira por jamais ter conquistado títulos expressivos com a camisa branca²². Os negros Pelé, Garrincha e Didi, por outro lado, livraram a nação do trauma causado pelo *Maracanaço*. Mas, deste trio, somente um foi exaltado efusivamente por Nelson Rodrigues devido a cor da pele.

A importância de Didi como representante dos negros brasileiros se deu em momento inicial de união dos negros contra o racismo, especialmente no esporte. Embora os clubes e seleções não fechassem mais as portas para pessoas com esta cor de pele, havia preconceito e segregação disfarçada. Um fato ocorrido em 1959 evidencia a luta dos negros (também internacionalmente) contra discriminação no esporte: Naquele ano, a Portuguesa Santista, de São Paulo, – tinha mais notoriedade no cenário futebolístico nacional – excursionou pela África. Na agenda do time havia um combinado de atletas da África do Sul. Mas, logo na chegada ao país, o time brasileiro sofreu os efeitos do *apartheid*, regime de segregação racial que vigorou na África de 1948 a 1994. Três atletas negros da delegação da Portuguesa Santista foram retidos no aeroporto por três dias. Depois de liberados, eles foram impedidos de disputar o amistoso contra o combinado sul-africano. Os companheiros se uniram ao trio e recusaram entrar em campo.

O caso gerou revolta no Brasil, e talvez não tenha alcançado maior repercussão nas décadas seguintes por ter ocorrido com um clube pouco expressivo do futebol nacional. A imprensa esportiva e os cronistas da época absorveram aquele fato obscuro da história do futebol brasileiro. Entre eles, Nelson Rodrigues. Didi, por não pertencer a um clube modesto como a Portuguesa Santista, mas ao Botafogo e principalmente a Seleção Brasileira, ápice da carreira de um atleta, tenha incorporado e simbolizado a luta dos negros dentro e fora do Brasil.

Didi era um negro que desfilava pelo gramado com uma postura ereta, fina. Tratava a bola com elegância. O esmero expressado por ele lhe rendeu um apelido frequentemente utilizado por Nelson nas crônicas: “príncipe etíope de rancho”. Na crônica *Garrincha, passarinho apedrejado*, o autor conta a descrença dos jornais brasileiros antes da Copa do Mundo de 1962, quando o Brasil já havia conquistado a primeira taça, na Suécia, em 1958. Didi, ainda assim, deu de ombros para as críticas. Foi exaltado devido a representação e o encanto da raça negra, que no início da década de 1960 já não sofria segregação no futebol,

²² A camisa amarela utilizada atualmente pela Seleção Brasileira foi adotada somente em 1953, nas eliminatórias da Copa do Mundo da Suíça, em 1954. A ideia para substituir a camisa branca com gola azul foi do jornalista e desenhista Aldyr Schlee, que venceu concurso promovido pelo jornal carioca *Correio da Manhã*.

como nas primeiras décadas do século XX. Nelson também compara também o rebolado do jogador em campo à ginga de um sambista de gafieira, dança originária das camadas mais pobres do Rio:

Eis o que os jornais diziam, em letras garrafais, tomando todo o alto da página: — “Com Didi ou sem Didi, os brasileiros farão pipi.” A palavra pipi, transmitida num berro gráfico, era de arrepiar. Ora, o escrete brasileiro tem seus negros plásticos, folclóricos, divinos. Há, no citado Didi, por exemplo, toda a dignidade racial de um príncipe etíope de rancho. Pois bem: — esses negros líricos, ornamentais, eram xingados [...] E, no jogo seguinte, também Amarildo se machuca. Como se não bastasse, abriu-se, nas canelas de Didi, uma constelação de feridas. E que vimos nós? Levando nas pernas chagas deslumbrantes, Didi foi mais um príncipe etíope do que nunca. Contra o Chile, através dos noventa minutos, ele não perdeu, em instante nenhum, a sua ginga maravilhosa de gafieira. (RODRIGUES, 2012, p. 40)

Na crônica *O escrete de loucos*, publicada durante o Mundial de 1962, Nelson Rodrigues enaltece a relação do brasileiro com o mundo da bola. E aproveita para desmerecer a ligação dos europeus com o esporte. Como de costume, ele observa o lado humano dos jogadores. Dentre eles, Didi representando o herói negro do Brasil, o qual é descrito pelo cronista como ornamental e folclórico (RODRIGUES, 2013, p. 45).

2.4. Os sub-heróis

Não se faz futebol no Brasil apenas com Pelé e Garrincha. E nem só de reis e passarinhos são formadas as crônicas de Nelson Rodrigues. Para que o “Atleta do Século”²³, o Mané e o “Príncipe Etíope” encabeçassem a lista de heróis da nação e afugentassem o “complexo de vira-latas”, foi necessária a contribuição de outros craques, menos badalados pela sociedade brasileira, mas glorificados de modo entusiasmado pelos textos do cronista. Eles também foram responsáveis por inaugurar um sentimento no povo e rechaçar o “complexo de vira-latas” vigente até o primeiro título mundial.

Em 1958, quando Pelé se sagrou um dos principais nomes da Seleção Brasileira na conquista da Copa do Mundo na Suécia, o “Rei” era apenas um principiante no elenco recheado

²³ Jornalistas das principais publicações esportivas do mundo elegeram Pelé o Atleta do Século em 12 de julho de 1980. O resultado foi divulgado pelo diário francês *L'Equipe* em um caderno especial de sete páginas intitulado “Pelé campeão do século” e que continha um desenho do ex-jogador de Santos, Cosmos-EUA e Seleção Brasileira. Pelé foi o mais votado, com 178 pontos, nove a mais que o atleta americano Jesse Owens e 89 de vantagem sobre o terceiro colocado, o ciclista belga Eddy Merckx.

de craques que, se ainda não haviam gravado o nome na história do futebol pela equipe nacional, já constavam da lista de ídolos dos respectivos clubes. Bellini e Vavá, no Vasco da Gama, Amarildo, Nilton Santos e Zagallo, no Botafogo, Djalma Santos, na Portuguesa, e Zito, no Santos.

As crônicas de Nelson já haviam, àquela época, atribuído a estes “sub-heróis” o devido reconhecimento por causa da trajetória nos times, especialmente aos que atuavam no Rio de Janeiro, onde o autor vivia e publicava com maior frequência pelos diários *Jornal dos Sports*, *O Globo* e revista *Manchete Esportiva*, que tinham grande circulação na cidade. Mas as taças levantadas nas Copas de 1958 e 1962 – em especial a primeira delas – elevaram estes jogadores a uma categoria situada acima do ídolo de clube, porém abaixo dos divinizados Pelé, Garrincha e Didi. Isto se explica, entre outras razões, pela posição em que atuavam. No caso dos laterais Djalma Santos e Nilton Santos, do zagueiro (ou beque²⁴) Bellini e do volante Zito, marcar gols era um feito raro, assim como os dribles e truques com a bola nos pés – ao contrário de Pelé, que posteriormente se tornou o jogador com mais gols na história, com 1.284 marcados, segundo a própria contagem. E Garrincha, que abusava dos dribles e, como descreve o jornalista esportivo Juca Kfourri, na crônica *Ninguém comparou Edílson com Garrincha*, publicada em 25 de junho de 1999, no jornal *Folha de S.Paulo*, “jogava entre as pernas deles” (zagueiros), “voltava e driblava de novo”.

Para exaltar os “sub-heróis”, Nelson deixou de lado as hipérboles e metonímias que utilizava para descrever Pelé (Rei), Garrincha (Mané) e Didi (Príncipe Etíope). Exceto o atacante Amarildo, que substituiu o lesionado Pelé na Copa do Mundo de 1962 e, por isso, foi rotulado pelo cronista como o “Possesso”, devido a boas atuações:

O que eu queria dizer é que, em seguida ao gol da Tchecoslováquia, Amarildo apanha a bola. Nos dois últimos jogos ele fora bem pouco Amarildo e bem pouco Possesso. Desta vez, porém, partiu para o gol. Antes que o adversário pudesse esboçar o ferrolho, Amarildo dribla um, dribla dois. O goleiro adversário sai para cortar o centro. Era chegado o grande momento. E então o Possesso enfia a sua bomba entre o goleiro e a trave. A bola, também possessa, foi se cravar no fundo das redes (RODRIGUES, 2013, p. 83)

²⁴ O termo “beque”, comumente utilizado no jornalismo esportivo brasileiro até o fim da década de 1970, quando se adotou “zagueiro”, deriva do inglês *back*, utilizado para designar o jogador que atua na defesa, recuado.

Os heróis da Seleção não agraciados com alcunhas por Nelson Rodrigues, foram enaltecidos de outra maneira. Àquela época, havia pouca especulação sobre transferências dos principais jogadores do país para clubes nacionais. Não era raro que atletas vestissem a camisa de um time por uma década. Mas após a exposição internacional vivida na Suécia, em 1958, e no Chile, em 1962, os craques passaram a atrair interesse de gigantes do futebol europeu, como Barcelona e Real Madrid, da Espanha, Milan e Internazionale, da Itália, por exemplo. Tanto que Vavá não voltou a defender o Vasco na volta do mundial de 1958. Ainda naquele ano, ele trocou o time de São Januário pelo espanhol Atlético de Madrid.

A mira dos clubes da Europa apontada para os craques do escrete, no entanto, não passou despercebida pela crítica de Nelson Rodrigues. Na crônica *O escrete é nosso!*, publicada em 6 de julho de 1958, pelo *Jornal dos Sports*, ele exalta o “fabuloso escrete brasileiro”, no qual o mundo estava de olho, e cita os heróis menos glorificados pela sociedade brasileira:

A toda hora e em toda a parte, há quem chegue e rosne ao nosso ouvido: — “Ofereceram tanto por fulano, tanto por cicrano, tanto por beltrano!” São os grandes clubes de fora, da Espanha, da Itália, da França, de não sei onde que acenam os seus milhões para os campeões do mundo. Mazzola já foi pescado. E há ofertas nababescas para Pelé, Vavá, Didi, Garrincha, etc. etc. E observa-se, então, o seguinte: — os clubes dos campeões, que deviam estar alarmados, não estão alarmados coisa nenhuma. Pelo contrário: — do lábio pende-lhes a baba elástica e bovina da cobiça. Não vejo nenhum clube disposto a lutar pela preservação de um Vavá, de um Pelé, de um Didi, de um Zito, de um Nilton Santos. Todos estão com água na boca e aflitos para embolsar os milhões dos passes. Ninguém se lembra de uma verdade tão transparente e tão óbvia: — os campeões do mundo deviam ser incomparáveis. (RODRIGUES, 2013, p. 18)

Nelson prossegue com críticas ao Vasco, que à época já negociava a venda de Vavá para o futebol espanhol, e alerta o clube sobre a importância em manter um campeão mundial, como os zagueiros Orlando e o capitão Bellini, em solo brasileiro:

Dirá alguém que um campeão do mundo é um jogador como outro qualquer. Mentira. Por exemplo — o caso de Vavá. O Vasco está vendendo errado Vavá, está vendendo errado o Vavá do ano passado, o pré-Vavá, o Vavá anterior à Taça Jules Rimet. E há um profundo e irredutível abismo entre um e outro Vavás. [...] O Vavá antigo não tinha a autoridade que conquistou, brava e furiosamente, na Suécia. Era desconsiderado pelos companheiros. Agora, não. Eis a verdade: — os nossos clubes ainda não se acostumaram a ser campeões do mundo. Ainda não reajustaram os seus critérios. Mas eis onde eu queria chegar: — um Vavá, ou Orlando, ou Bellini pertence a esta categoria de valores que não se vende. (RODRIGUES, 2013, p. 19)

O jornalista também valoriza os sub-heróis repreendendo, por outro lado, os times brasileiros, que, segundo ele, estariam despreocupados em perder craques de tamanha categoria para o futebol do exterior. Ele também não poupa a sociedade brasileira, em especial os jornalistas esportivos que não se alarmavam diante das especulações, ao afirmar que “foi preciso que jornais alemães, franceses, húngaros, tchecos, ingleses berrassem para nós: — “Vocês são os maiores.” Então, a nossa imprensa começa a admitir, embora o medo, embora relutante, que não somos tão pernas de pau” (2013, p. 19). E assim o cronista ressalta o que seria um resquício do “complexo de vira-latas”.

Outro traço recorrente dos textos de Nelson, que aparece em *O escrete é nosso!*, é a crítica ao estrangeiro em detrimento da valoração do nacional. Ele desmerece os “milhões” que os clubes europeus tinham a oferecer pela compra dos atletas nacionais e destaca algumas barreiras que os jogadores poderiam enfrentar no outro continente, como a dificuldade de se adaptara a um idioma diferente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferentemente de esportes cujos países de origem ostentam o posto de maiores potências, como basquete (Estados Unidos), judô (Japão) e hóquei no gelo (Canadá), por exemplo, o futebol historicamente não se desenvolveu com maior força onde foi criado. O Brasil (ainda) é soberano neste esporte – que começou na Inglaterra –, com cinco conquistas da Copa do Mundo, torneio que agrupa as melhores seleções do planeta, enquanto os ingleses têm apenas uma taça.

O futebol é um dos principais meios de se expressar patriotismo no Brasil, tamanha popularidade alcançada no país desde o fim do século XIX. O jogo faz o brasileiro reunir símbolos do Estado nacional, como hino, cores e bandeira. O esporte torna o povo mais patriota, especialmente em época de Copa do Mundo. É, provavelmente, o único meio, junto ao vôlei, capaz de fazer o brasileiro entoar “eu sou brasileiro com muito orgulho e muito amor”. É certo que houve heróis em outras modalidades, como Ayrton Senna, tricampeão mundial de Fórmula 1, no automobilismo, que encerrou a vida seguindo à risca o fim trágico do herói descrito por Joseph Campbell. E Gustavo Kuerten, primeiro tenista brasileiro a vencer o torneio de Roland Garros, um dos quatro mais importantes do planeta. Mas, no Brasil, não diferentemente de outros países, o futebol transcende a semântica de mero jogo e representa a nação, positiva ou negativamente. É capaz de criar heróis que, ainda em vida, são imortalizados na história da nação.

O Brasil, antes de se tornar uma potência do futebol no cenário mundial, carecia de heróis nacionais. Aqueles capazes de fazerem toda uma nação e aclamá-los ainda em vida e reverenciá-los por décadas. Alguns nomes até alcançaram considerável prestígio na história do país. Mas hoje, a importância destinada a eles não passa dos livros didáticos, não é lembrada de tempos em tempos pelos principais meios midiáticos como são os heróis do futebol brasileiro.

Estes heróis jamais receberiam tal alcunha se realizassem feitos heroicos no gramado, observado por milhares de espectadores, e não fossem lembrados nos anos e décadas seguintes. A construção desta imagem aconteceu, entre outros meios, pela crônica. O gênero, que se desenvolveu no Brasil a partir de 1850, em jornais, abordava eventos políticos e sociais da colônia e, posteriormente, da recém-formada república. A partir dos anos 1930, porém, a

crônica assumiu mais uma faceta: a esportiva. Os jogos de futebol evoluíram de simples relatos das jogadas que aconteciam no gramado para descrições de elementos intrínsecos a subjetividade dos autores do texto. Os irmãos jornalistas Mário Filho e Nelson Rodrigues notaram a importância em fugir do comum e mostrar aos leitores as minúcias da partida. Eles começaram a destacar detalhes que não se percebia sem que houvesse imaginação. Transformaram os jogos em espetáculos e isso foi determinante para que meros humanos atingissem o status de heróis nacionais.

Trata-se de um tipo de texto que parte de fatos, mas há adição de elementos ficcionais e opinativos. Nos diários, a crônica era publicada, inclusive, em formato de coluna, assinada por um jornalista e divulgada com periodicidade determinada. A crônica, por ser publicada em jornal, está, portanto, ao alcance de quase todos, assim como o futebol, e proporciona debate acerca do esporte. Nelson inaugurou neste gênero um estilo peculiar, que se apropria de humor, ironia e crítica. Deste modo, o cronista se aproxima do leitor e contribui para a formação de opinião deste. Ele foi um dos maiores impulsionadores da crônica esportiva no Brasil e do próprio futebol brasileiro.

Os heróis futebolísticos talvez não alcançassem esta condição sem a contribuição de um dos cânones da crônica esportiva brasileira, Nelson Rodrigues. Ainda que as transmissões radiofônicas fossem de suma relevância para o desenvolvimento do esporte no Brasil. Prejudicado por doenças de visão, o pernambucano, que viveu maior parte da vida no Rio de Janeiro, fantasiava os jogos das arquibancadas dos estádios cariocas, peculiaridade que o rádio não explora com tanta veemência. Para isso, o jornalista – que também se tornou um dos principais nomes da dramaturgia nacional – se apegava a detalhes como a vida pessoal dos personagens do futebol: idade, condição social e cor da pele eram alguns dos fatores os quais ele incrementava nos próprios textos.

Ufanista “de carteirinha”, Nelson via nos jogadores da Seleção Brasileira a representação mais genuína e pura da sociedade, sempre influenciado pelas características peculiares do povo brasileiro. Dentre elas, o sentimento de inferioridade perante os estrangeiros, que se refletia nos costumes da população e também no futebol – e o autor sintetiza no conceito de “complexo de vira-latas”. O *Maracanaço*, derrota para o Uruguai na final da Copa do Mundo de 1950, sediada no Brasil, provocou comoção nacional, uma ferida que demoraria 20 anos para cicatrizar, até que o país conquistasse o Mundial pela terceira vez e se afirmasse internacionalmente como potência futebolística.

Nas publicações agrupadas por Ruy Castro em *A pátria de chuteiras* e analisadas neste estudo, o “Rei” Pelé ostenta cetro e coroa sobre um trono com apenas 17 anos. Garrincha é a pura personificação do brasileiro, cheio de malícia, deboche e irreverência, torna o futebol engraçado, especialmente diante dos sisudos europeus. E Didi, um “príncipe etíope” representante do negro brasileiro. Há ainda aqueles heróis que, aos olhos de Nelson, eram tão importantes quanto Pelé e Garrincha, mas que a sociedade brasileira os vê apenas como coadjuvantes, a exemplo de Amarildo, Vavá, Didi e Bellini. Talvez, não fosse o olhar fantasioso do cronista, nem mesmo às margens dos principais heróis estes ficariam.

Nelson Rodrigues é um cânone da crônica esportiva brasileira, especialmente por reinventar o gênero ao aproximar nós, leitores, criando uma espécie de bate-papo acerca de uma das principais paixões do brasileiro, o futebol. Além disso, ele nos encanta, nos enlaça e faz rir com histórias pitorescas. Às vezes, carregadas de seriedade. Mas, na maioria das publicações, tão descontraídas e irreverentes quanto as artimanhas de Garrincha com a bola nos pés, descritas por ele. O pernambucano de alma carioca também nos conta a respeito de nosso passado histórico. Isso porque retrata a sociedade brasileira das décadas de 1950 ao fim dos anos 1970, expondo as peculiaridades de um povo em um dos períodos mais turbulentos política, cultural e economicamente. Nelson compreendeu, como poucos, o que é amar o Brasil incondicionalmente, era um brasileiro fervoroso.

A obra de Nelson Rodrigues, em especial a crônica esportiva, jamais se perde no tempo. Isto se nota quando lemos os textos do autor e pensamos que ele os redigiu no mesmo dia, como se houvesse preparado as publicações para serem veiculada imediatamente na Internet. Por mais que os colunistas atuais divirjam da essência do trabalho de Nelson Rodrigues, ainda se nota alguma inspiração. O legado do cronista-dramaturgo aparece, explícita ou implicitamente, em cada texto sobre veiculado hoje, pois neles há a perspectiva de mudança, não somente do cenário do jogo, mas de toda a nação brasileira.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre crônica. In: *Enigma e comentário – ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BRESSAN, Flávio. *O método do estudo de caso*. Administração On Line Fecap, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 45-54, 2000.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 1997.

CANDIDO, A. et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil. O longo Caminho*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CASTRO, Gustavo de. *A palavra compartilhada*. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. *Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2013.

CASTRO, Ruy. *A pátria de chuteiras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

FACCIOLI, Valentim. A Crônica de Machado de Assis. In: BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.

FÁVERO, L. L.; MOLINA, M. A. G. A crônica: uma leitura textual – discursiva. In: NASCIMENTO, E. M. F; OLIVEIRA, M.R.M.; LOUSADA, M. S. O. (orgs.). *Processos enunciativos em diferentes linguagens*. Franca: UNIFRAN, 2007.

MARQUES, José Carlos. *O futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

MENDES JR., Leonardo; ROSSI, Jones. *Guia politicamente incorreto do futebol*. São Paulo: LeYa, 2014.

RODRIGUES, Nelson. *O escrete é nosso!*. A pátria de chuteiras. Seleção e notas: Ruy Castro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

_____. *Clube não é boteco. A pátria de chuteiras*. Seleção e notas: Ruy Castro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

_____. *Pelé, colega de Miguel Ângelo, Homero e Dante*. Seleção e notas: Ruy Castro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

_____. *A piada imortal*. Seleção e notas: Ruy Castro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

_____. *O Brasil desencadeado*. Seleção e notas: Ruy Castro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

_____. *O homem formidável do Brasil*. Seleção e notas: Ruy Castro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

_____. *Garrincha, passarinho apedrejado*. Seleção e notas: Ruy Castro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

_____. *Pra quê essa gana destrutiva e bestial?*. Seleção e notas: Ruy Castro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

_____. *Coices e relinchos triunfais*. Seleção e notas: Ruy Castro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

_____. *O escrete de loucos*. Seleção e notas: Ruy Castro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

_____. *A realeza de Pelé*. Seleção e notas: Ruy Castro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

_____. *A Rússia e os Estados Unidos começaram a ser o passado*. Seleção e notas: Ruy Castro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

SÉRGIO MARQUES, Paulo. “Narrativa, alteridade e gênero: o imaginário patriarcal e os arquétipos literários”. In: *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*. Araraquara: UNESP, 2007.

VERISSIMO, Luis Fernando. In: VASCONCELLOS, Jorge. *Recados da bola: depoimentos de doze mestres do futebol brasileiro*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Teoria da história*. Belo Horizonte: Cultrix, 1976.

VOGEL, Daisi Irmgard. *Fábulas do gol: as crônicas esportivas de Nelson Rodrigues*. Florianópolis: UFSC, 1997. Dissertação de mestrado, Curso de pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.

ANEXOS

CRÔNICAS ANALISADAS:

O escrete é nosso!

Neste momento, o mundo todo está de olho no fabuloso escrete brasileiro. A toda hora e em toda a parte, há quem chegue e rosne ao nosso ouvido: — “Ofereceram tanto por fulano, tanto por cicrano, tanto por beltrano!” São os grandes clubes de fora, da Espanha, da Itália, da França, de não sei onde que acenam os seus milhões para os campeões do mundo. Mazzola já foi pescado. E há ofertas nababescas para Pelé, Vavá, Didi, Garrincha, etc. etc.

E observa-se, então, o seguinte: — os clubes dos campeões, que deviam estar alarmados, não estão alarmados coisa nenhuma. Pelo contrário: — do lábio pende-lhes a baba elástica e bovina da cobiça. Não vejo nenhum clube disposto a lutar pela preservação de um Vavá, de um Pelé, de um Didi, de um Zito, de um Nilton Santos. Todos estão com água na boca e aflitos para embolsar os milhões dos passes. Ninguém se lembra de uma verdade tão transparente e tão óbvia: — os campeões do mundo deviam ser incompráveis.

O jornalista Mário Filho, com sua implacável lucidez, viu, melhor e antes do que ninguém, o grande problema do momento. Em suma: — ele faz um apelo no sentido de que se defenda, aqui, com unhas e dentes, a integridade do maior escrete que olhos mortais já contemplaram. E, de fato, amigos. O futebol brasileiro praticará um suicídio se permitir, por uma questão de cifras, que se desintegre a equipe que deslumbrou o mundo. Objetará alguém que é um negócio para qualquer clube vender um Vavá, ou um Garrincha, ou um Didi por uma quantia tremenda.

Ilusão! Um Garrincha, um Didi ou Vavá não tem preço. E se assim acontece com os craques individualmente, que dizer do escrete? Ora, a equipe que levantou a Taça Jules Rimet em 58 não é um conjunto qualquer. É um quadro que, segundo o testemunho dos críticos europeus, alcançou o nível mais alto do futebol, em qualquer tempo. Vejam bem: — não somos nós, jornalistas brasileiros, que escrevemos isso. Não. Os jornalistas brasileiros não queriam admitir que o Brasil tivesse o maior futebol do mundo. Vivíamos a admirar os húngaros, os ingleses, os tchecos, os russos. E só não admirávamos os gênios locais, que, todos os domingos, esfregavam a sua classe na nossa cara.

Foi preciso que jornais alemães, franceses, húngaros, tchecos, ingleses berrassem para nós: — “Vocês são os maiores.” Então, a nossa imprensa começa a admitir, embora o medo, embora relutante, que não somos tão pernas de pau. Mas como eu ia perguntando: — será o futebol brasileiro tão suicida ou, pior do que isso, tão idiota que desista do seu escrete por causa de uma meia dúzia de patacas? Amigos, nenhum país tem o direito de renunciar a um escrete como este.

Os clubes poderão usar o argumento de um lucro certo e imenso. Ao que eu respondi: — lucro apenas aparentemente, falso lucro. A venda de um campeão do mundo, qualquer que seja o seu preço, implica num prejuízo real e irrecuperável. E se os nossos clubes fossem menos obtusos, já teriam percebido que deviam chutar os milhões que o mundo oferecer pelos nossos supercraques. Mário Filho tem uma razão total: — cumpre ao futebol brasileiro não desistir do seu escrete. Permitir a dissolução da equipe não será um crime, porque é, antes de tudo, um suicídio.

Um Garrincha, ou Didi, ou Vavá ou qualquer campeão do mundo devia ser amarrado, solidamente, num pé de mesa, para que ninguém o arrancasse daqui.

Jornal dos Sports, 6/7/1958

Clube não é boteco

Leio os jornais e observo o seguinte: — uma tendência universal para achar que os campeões do mundo devem aceitar, sim, o próprio leilão. É a filosofia do toma lá da cá, da oferta maior, do lance mais alto. Se oferecem tanto a Vavá e tanto ao clube, o negócio deve ser fechado brutalmente e com a solidariedade e o estímulo da imprensa, do rádio e da televisão. Do contrário, argumenta a maioria dos meus confrades, seria prejudicar o craque e o clube.

É, como se vê, um raciocínio monstruoso, que coloca o problema em termos estritamente mercenários. Ora, as profissões e as pessoas dependem ou, antes, dependem sobretudo de valores gratuitos. Procurarei esclarecer: — a vergonha de uma senhora honesta. É um bem material, negociável, a vergonha de uma senhora honesta? Não, evidentemente. E, no entanto, por esse valor gratuito, ela estará disposta a morrer e matar. E assim o seu marido e os seus filhos. Não ocorreria a ninguém aconselhar a uma mulher casada que aceite uma boa oferta, em dinheiro, do primeiro pilantra. Ela estaria disposta a vender as joias, os talheres, as cadeiras, os lençóis, o diabo a quatro. Menos os seus valores incomerciáveis.

Objetará alguém que eu estou misturando alhos com bugalhos. Nem tanto, amigos, nem tanto. Qualquer profissão há de ter um sentido ético que a justifique e valorize. O futebol profissional exige dinheiro, mas não só dinheiro. Ele implica algo mais, ou seja: implica os tais valores gratuitos que conferem a um jogo, a uma pelada uma dimensão especialíssima. Um match representa algo mais que pontapés. Participam da luta dois clubes e todos os seus bens morais, afetivos, líricos, históricos. No Vasco, o mais importante é um valor gratuito: — a tradição.

Nunca um clube espanhol teria a desfaçatez de querer comprar a tradição vascaína. E por quê? Por causa de um puro e simples problema de vergonha. Do mesmo modo, nenhum clube se lembraria de vender um presidente, embora o presidente seja uma figura infinitamente menos essencial que um campeão do mundo. Eis o ponto nevrálgico da questão: — clube não é boteco para vender tudo. Ele possui coisas que não venderia nem por todo o ouro da Terra.

Dirá alguém que um campeão do mundo é um jogador como outro qualquer. Mentira. Por exemplo — o caso de Vavá. O Vasco está vendendo errado Vavá, está vendendo errado o Vavá do ano passado, o pré-Vavá, o Vavá anterior à Taça Jules Rimet. E há um profundo e irreduzível abismo entre um e outro Vavás. São duas pessoas que não se conhecem, não se competem, nem se cumprimentam. O Vavá antigo não tinha a autoridade que conquistou, brava

e furiosamente, na Suécia. Era desconsiderado pelos companheiros. Agora, não. Agora pode gritar em campo, pode vociferar e até a bola há de correr atrás dele, como uma cadelinha puxa-saco. E parece que o Vasco ainda não percebeu que tem, em casa, um Vavá, sim, mas transfigurado pelo Campeonato do Mundo.

Daí o equívoco grotesco: — o clube de São Januário trata Vavá como se este fosse o antigo, e não o atual Vavá. Eis a verdade: — os nossos clubes ainda não se acostumaram a ser campeões do mundo. Ainda não reajustaram os seus critérios. Mas eis onde eu queria chegar: — um Vavá, ou Orlando, ou Bellini pertence a esta categoria de valores que não se vende. Sua presença no Vasco é uma glória intransmissível. Poderão vociferar: — “E os milhões?” Eu continuarei argumentando que nós só vivemos e só morremos por valores gratuitos.

Há ainda um aspecto, que vem a ser o interesse do jogador. Acho também impropriedade o raciocínio que se usa em relação a Vavá. Ninguém vive só de milhões materiais. E os milhões subjetivos? Só a língua da terra vale um milhão bem-contado. Vão tirar de Vavá o seu idioma e quem pagará por isso? As piadas, os palavrões, em outra língua, que graça podem ter? Alguém insistirá no argumento dos milhões. Não importa. Aqui, Vavá está feliz e realizado como um peixinho no seu aquário. Por outro lado, convém aceitar esta verdade recente — o campeão não é apenas um jogador de futebol. É um herói: nenhum clube, nenhum povo tem o direito de vender seus heróis. Nem o herói tem o direito de vender a si mesmo. Amigos, no dia em que deixarmos de prezar os valores gratuitos, vamos cair todos de quatro, todos.

Jornal dos Sports, 26/7/1958

Pelé, colega de Miguel Ângelo, Homero e Dante.

Amigos, o meu personagem do ano tem de ser um jogador do escrete que levantou o Campeonato do Mundo. Mas é um problema catar, num time invicto, imbatível, um jogador que seja, exatamente, o símbolo pessoal e humano desse time e desse escrete. E logo um nome me ocorre, de uma maneira irresistível e fatal: — Pelé.

Olhem Pelé, examinem suas fotografias e caíam das nuvens. É, de fato, um menino, um garoto. Se quisesse entrar num filme de Brigitte Bardot, seria barrado, seria enxotado. Mas reparem: — é um gênio indubitável. Digo e repito: — gênio. Pelé podia virar-se para Miguel Ângelo, Homero ou Dante e cumprimentá-los, com íntima efusão: — “Como vai, colega?”

De fato, assim como Miguel Ângelo é o Pelé da pintura, da escultura, Pelé é o Miguel Ângelo da bola. Um e outro podem achar graça de nós, medíocres, que não somos gênios de coisa nenhuma, nem de cuspe a distância. E que coisa confortável para nós, brasileiros, saber que temos um patricio assim genial e assim garoto!

Vejam: — dezessete anos! Na idade em que o pobre ser humano anda quebrando vidraça, ou jogando bola de gude, ou raspando perna de passarinho a canivete, Pelé torna-se campeão do mundo. Estava lá um rei, Gustavo, da Suécia. E viu-se, então, essa coisa que estaria a exigir um verso de Camões: — o rei desceu do seu trono e foi cumprimentar, foi apertar a mão do menino Pelé. Então, pergunto: — que experiência real teria o menino de cor? Havia de conhecer, no máximo, rei de baralho ou o Rei Patusco do gibi. Gustavo foi o primeiro rei autêntico que lhe mostrou os dentes num soberano sorriso.

Eu sei que, na recepção ao escrete, houve quem rosnasse por aqui: — “Estão exagerando! Já é demais.” Está claro que não era demais, era de menos. Mas o brasileiro é assim mesmo. Em 50, quase houve um suicídio nacional quando não fomos campeões do mundo. Éramos, todos nós, brasileiros, uma nação que quase toma formicida. Pois bem: — e em 58, ao conquistarmos o título, eis que houve, aqui, um hábito instantâneo à glória jamais imaginada. O nosso pileque cívico durou até o desembarque. Já no dia seguinte, porém, havia os descontentes, os fartos, os saturados.

Um conhecido meu veio protestar: — “Pelé não pode ser craque! Com dezessete anos, ninguém pode ser craque!” Na minha cólera, tive vontade de subir pelas paredes como uma lagartixa profissional. Mas o meu consolo foi que, ao mesmo tempo, saía no Paris-Match, que é uma revista mundial, uma vasta, erudita e compacta reportagem sobre Pelé. Lá vinha escrito: — “Pelé, rei do Brasil.” Enquanto, aqui, o brasileiro achava exagerado o próprio entusiasmo, uma revista parisiense punha o garoto brasileiro nas nuvens. Direi mais: — Paris-Match comportava-se diante de Pelé com a histeria de uma macaca de auditório.

Mas o que impressionou, na reportagem, foi a mentira que a entupia, de cabo a rabo. Nunca se mentiu tanto em seis páginas de revista! O repórter escrevia, por exemplo, que, na sua euforia ululante, o Brasil dera o nome de Pelé a ruas, praças e obeliscos. Então, eu concluí que, apesar de todo o seu passionalismo, a imprensa brasileira ainda é das mais sóbrias e das mais contidas. Aqui, nenhum jornal, nenhuma revista teria o descaro de inventar reis, de inventar fantásticas homenagens nacionais.

Não que Pelé e, de resto, todo o escrete não as merecessem. Por meu gosto, confesso: — eu teria enfiado no peito de Pelé a própria Legião de Honra. Mas é que o brasileiro não é disso. Sim, amigos: — o brasileiro reage ao bem que lhe fazem com uma gratidão amarga e quase ressentida. Que fez o escrete? Deu-nos a maior alegria de nossa vida. Tornou qualquer vira-lata em campeão do mundo. Mas a nossa gratidão logo secou como uma bica da Zona Sul. Tratamos de esquecer a jornada estupenda.

Mas eu vos digo: — “esquecer” não é bem o termo. Ou por outra: — o brasileiro pode “esquecer” da boca para fora. Mas na verdade um Pelé é inesquecível. Insisto: — apesar de toda a nossa ingratidão, Pelé é imortal. E por isso, porque ninguém pode enxotá-lo da nossa memória, eu o promovo a meu personagem do ano.

Manchete Esportiva, Anuário de ouro, Edição especial, janeiro de 1959

A piada imortal

Amigos, eu ando falando muito do Brasil. E muita gente já rosna, com tédio e irritação: — “Você está descobrindo o Brasil?” É exato. Estou, sim, estou descobrindo o Brasil. Eis que, de repente, cada um de nós, cada um dos setenta milhões de brasileiros passa a ser um Pedro Álvares Cabral.

Já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil. Ainda há muito Brasil para descobrir. Não há de ser num relance, num vago e distraído olhar, que vamos sentir todo o Brasil. Este país é uma descoberta contínua e deslumbrante. E justiça se faça ao escrete: — é ele que está promovendo, quem está anunciando o Brasil.

A princípio, o sujeito pode pensar que o escrete revelou o Brasil para o mundo. Isso também. Todavia, o mais importante e o mais patético é a descoberta do Brasil para os próprios brasileiros. Pergunto: — o que sabemos nós do Brasil? Pouco ou, mesmo, nada. A partir de 58, o Brasil começou a aparecer aos nossos olhos. Digo mais: — foi o escrete que ensinou o brasileiro a conhecer-se a si mesmo. Tínhamos uma informação falsa a nosso respeito. Sempre me lembro de um amigo meu que era um bem, um símbolo nacional. Exuberante como um italiano de Hollywood, um italiano de anedota, o sujeito tinha o gosto do berro e do gesto largo. Se via um vago conhecido, ele abria os braços até o teto e se arremessava com a efusão de um amigo de infância. Tipo gozadíssimo. E o Fulano costumava dizer, aos uivos: — “Eu sou um quadrúpede!” E para evitar dúvidas, ampliava: — “Eu sou um quadrúpede de 28 patas!”

Esta autocrítica jocunda e feroz era o que todos nós fazíamos. O sujeito, aqui, não acreditava nem nos outros, nem em si mesmo. E aquele que se nega está, ao mesmo tempo, negando a própria terra. Quando dissemos: — “Eu sou uma besta!” — estamos vendo bestas por toda parte. Não havia nenhum ufanismo no Brasil. Em absoluto. Como o meu amigo citado, cada um de nós era um Narciso às avessas, que cuspiasse na própria imagem.

Em 58, o escrete ainda embarcou desconfiado. Mas já uma dúvida instalava-se em nosso espírito. O sujeito já não sabia se era ou não uma besta chapada ou, na melhor das hipóteses, uma semibesta. A campanha de 58 viria clarificar o problema. Chegamos na Suécia, ainda perplexos. Vencemos a Áustria e empatamos com a Inglaterra. Vem, finalmente, o jogo com a Rússia.

Eu vou dizer o momento exato em que se inaugurou o verdadeiro Brasil. Foi após o hino nacional brasileiro. Os jogadores ainda estavam perfilados e trêmulos. A Rússia seria uma prova crucial. Mais do que nunca dava em cada jogador o dilema: — “Ser uma besta ou não ser uma besta?” E, então, soou, naquele escrete contraído, a voz de Garrincha. Com a sua candura triunfal, dizia o Mané para o Nilton Santos: — “Aquele bandeirinha tem a cara do ‘seu’ Carlito!” Houve, então, o riso incoercível, total. Foi o bastante. O escrete tomou-se de uma nova e feroz potencialidade. E da piada de Garrincha partiu para a vitória.

Ali, começava o verdadeiro Brasil. Ninguém sabe, mas foi uma piada que derrotou a grande, a colossal, a imbatível Rússia. A mesma piada deu ao brasileiro a sensação da própria grandeza. Com um quase pânico, o homem do Brasil percebeu que era genial.

Jornal dos Sports, 27/5/1962

O Brasil desencadeado

Amigos, vocês podem acreditar: — quem não estiver sofrendo, neste momento, é um mau caráter. E por que mau-caráter? Vou explicar, calma, vou explicar. O Brasil vai jogar amanhã a partida mais dramática de toda a sua história, e eu quase diria: — como é possível não sofrer diante da formidável batalha?

O começo de qualquer partida é uma janela aberta para o infinito. Ao soar o apito inicial, todas as possibilidades passam a ser válidas. Eu falava em sofrimento. Tudo no jogo de amanhã justifica uma tensão intolerável. Há a angústia da dúvida. E há a angústia inversa da certeza. Milhões de brasileiros estão certos do bi. E, apesar disso, ou com isso mesmo, andam crispados em casa, na rua, por toda parte.

Por isso, eu vos disse que o indiferente dá, de si mesmo, do próprio caráter, uma tristíssima ideia. Indiferentes, por quê, se vai definir, dentro de 24 horas, o destino do escrete? Os lorpas, os pascácios poderão objetar que se trata de futebol, apenas o futebol. Não é só o futebol. É, sobretudo, o homem brasileiro. Os nossos craques estão ganhando no Chile com as qualidades de coragem, inteligência, imaginação, entusiasmo, gênio do homem brasileiro. Eis por que a batalha do escrete implica toda a nação. Até os xavantes, que põem em cima da nudez aquele casto cinto de barbante, até o xavante, dizia eu, está pessoalmente interessado no bi. Em 50, não foi apenas um time que fracassou no Maracanã. Foi o homem brasileiro, como em Canudos. Em 58, quem venceu? O Brasil. Quando Bellini apanhou o caneco de ouro, era o novo homem brasileiro que se proclamava.

Assim será amanhã, em Santiago. Em outro tempo, a luta seria mais dura e mais problemática. O homem do Brasil ainda não tinha amadurecido. Nas grandes partidas internacionais, ele entrava em campo arrasado emocionalmente. Perdia antes da derrota. Mas 58 nos libertou de todas as nossas frustrações. Os negros, os mulatos, os brancos do país surgiram numa plenitude até então desconhecida.

E, de então para cá, o brasileiro tem um destino de campeão. Vence tudo. Os nossos cavalos triunfam, lá fora, não porque sejam bons, mas porque são brasileiros. As nossas caixas de fósforos ganham nas exposições. Há coisa mais comovente do que um zebu premiado, com uma medalha pendurada na fitinha? Se os cavalos, os zebrus, as caixas de fósforos estão brilhando — por que falharia o homem?

Aí é que está: — é o homem brasileiro que vai lutar amanhã, contra o tcheco, para levantar o bi. Eu acredito na vitória, ou por outra: — só acredito na vitória. Creio que, dentro de 24 horas, o escrete do Brasil oferecerá ao mundo a melhor exibição de toda a sua biografia.

Temos Garrincha. E o Mané, sozinho, com o seu gênio individual, vale por um time. Já foi consagrado a maior figura da Copa. E todo o escrete vai jogar com a flama de Garrincha. Vavá, na última partida, marcou dois gols. Está desencabulado. E terá, em campo, a ferocidade de um cossaco do Don e do Kuban. Há também Amarildo, o Possesso. O dostoievskiano andou se machucando. Mas vai aparecer, amanhã, mais possesso do que nunca. Acredito no bi, porque, repito, acredito no homem genial do Brasil.

Jornal dos Sports, 16/6/1962

O homem formidável do Brasil

Amigos, vamos admitir esta verdade eterna e inapelável: — a Copa de 1962 foi mais importante do que a de 1958. Algum lorpa, algum pascácio poderá objetar que, na Suécia, houve mais facilidade. De acordo. Naquela ocasião, com efeito, o Brasil deu um passeio, um autêntico passeio. Sofremos um pouco, nos dois primeiros jogos iniciais, com a Áustria e a Inglaterra; já contra a Rússia, foi um deslumbramento total. Garrincha entrou e o Mané deu novo élan ao quadro, libertou-o de suas pesadas inibições. Sofremos ainda um pouquinho contra o País de Gales, que se aferrolhou, se tapou, se trancou, com unhas e dentes.

Em momento nenhum, porém, o nosso escrete deixou de dominar. O País de Gales limitou-se a uma desesperada, uma obtusa defesa. Uma vez na vida, outra na morte, dava um

contra-ataque insignificante, impotente. No segundo tempo, Pelé enfiou o seu. Era vitória. Já na semifinal e na final, o Brasil enfiou os franceses e os suecos numa banheira de Cleópatra e os lavou em leite de cabra. Pois bem. Eu digo que a Copa de 62 foi mais importante pelo seguinte; — porque foi mais difícil, mais árdua, mais áspera, mais dramática. A facilidade humilha.

Na Suécia, o escrete era um ilustre desconhecido. Ninguém sabia dos nossos dons, ninguém imaginava a graça, o sortilégio do nosso futebol. Os europeus lançaram em campo o seu futebol todo medido, todo acadêmico, sem um toque de fantasia, quadradíssimo. Muito bem. E o Brasil entrou com os seus dons maravilhosos de molecagem, de malandragem. Cada jogada de um Pelé, ou de um Mané, ou de um Didi, ou de um Zito vinha pesada, vinha encharcada de imaginação. Os do Velho Mundo entraram pelo cano, e vamos admitir: — tinham de entrar.

E quando, finalmente, os brasileiros voltaram da Suécia com o caneco no bolso, os europeus raciocinaram: “Bem, a forra vai ser em 62!” Eles se prepararam para 62. Estudaram planos formidáveis. E largaram- -se para o Chile, radiantes da vida e crentes que iam anular os Garrinchas, os Pelés. De fato, o futebol da Europa está mudando. Mas isso não bastava. E tanto não bastava que eles entraram pelo cano, outra vez. Cabe então a pergunta: — e por quê?

É simples: — porque mudaram o futebol e não mudaram os homens. Os brasileiros têm recursos que só eles próprios sabem usar. Por outro lado, a sua qualidade humana é muitíssimo melhor. Amigos, vamos reconhecer com sóbria e exata autocrítica: — não há, presentemente, no mundo, uma figura humana tão complexa, tão rica, tão potencializada como o brasileiro. Eis o óbvio, que nem todos enxergam: — o maior homem da época é o do Brasil.

Os europeus podiam, sim, copiar, tanto quanto possível, o nosso futebol. Mais não podiam imitar o inimitável, ou seja: — o homem brasileiro. Garrincha é, por excelência, o incopiável. Pode-se imitar um europeu, porque eles se parecem, como soldadinhos de chumbo. Mas quem pode assemelhar-se a um Pelé? Ou a um Mané? Ou a um Zagalo? Ou a um Amarildo, o Possesso? Para ter a agilidade, a imaginação, a molecagem, o gênio de brasileiro o tcheco não pode ser tcheco, precisa ser um brasileiro nato.

O que se faz, na Europa, é uma imitação de vida. Ao passo que nós “vivemos” de verdade, e repito: — nós vivemos a vida, em todas as suas possibilidades e consequências. Numa simples jogada, nós pomos uma carga de vontade, de caráter, de personalidade, de invenção que o europeu sequer compreende. Eu diria ainda que nós também “vivemos” o futebol, ao passo que o inglês, ou o tcheco, o russo apenas o joga. Há um abismo entre a seca objetividade europeia e a nossa imaginação, o nosso fervor, a nossa tensão dionísica.

Eis a verdade: — no Chile o homem brasileiro teve mais audácia, mais sangue, mais élan, mais loucura que em 58. Amigos, desde Pedro Álvares Cabral, nunca o Brasil conquistou uma vitória tão gigantesca.

Jornal dos Sports, 20/6/1962

Garrincha, passarinho apedrejado

Amigos, a vitória sobre o Chile fez nascer um penacho em cada cabeça e esporas em cada calcanhar. O brasileiro anda por aí com ares do dragão do Pedro Américo. É a epopeia

ventando nas nossas caras. Invisíveis cornetas soam por todo o território nacional. Somos uma nação de 75 milhões de almas eretas como lanças. Mas vamos e venhamos: — o triunfo de quarta-feira merece toda essa euforia nacional.

O sujeito que, após os 4 x 2, não chorou lágrimas de esguicho é um mau-caráter. Mas eu dizia que foi uma vitória perfeita e irretocável. Os idiotas da objetividade querem colocar a partida em seus termos táticos e técnicos. O futebol, porém, foi um detalhe miserável, um frívolo pretexto. Pior era o que estava por trás. Amigos, o futebol do Chile não ameaçaria, normalmente, nem o Rosita Sofia.

O perigo estava no massacre emocional do nosso escrete. Eis o sonho do Chile: — já que perderia no futebol, quis ganhar pela intimidação, pelo sarcasmo, pelo medo e, também, pelo apito. Contra os onze gatos-pingados do nosso time, levantou-se toda uma população. Imaginem vocês a luta desigual: — milhões querendo ver a caveira da equipe brasileira, posta em desesperadora solidão. A guerra das manchetes contra os nossos foi simplesmente hedionda.

Eis o que os jornais diziam, em letras garrafais, tomando todo o alto da página: — “Com Didi ou sem Didi, os brasileiros farão pipi.” A palavra pipi, transmitida num berro gráfico, era de arrepiar. Ora, o escrete brasileiro tem seus negros plásticos, folclóricos, divinos. Há, no citado Didi, por exemplo, toda a dignidade racial de um príncipe etíope de rancho. Pois bem: — esses negros líricos, ornamentais, eram xingados como se fossem da Mau-Mau.

Não havia ninguém, no Chile, disposto a aplaudir ou simplesmente reconhecer os nossos possíveis méritos. Ou, por outra: — fomos tratados a pires de leite até o momento em que os locais venceram os russos e os nossos os ingleses. E como éramos os adversários, passamos a ser, automaticamente, os anticristos. Os piores ventos dos Andes, os ventos mais lívidos e mais pungentes, vinham queimar a nossa delegação. Dir-se-ia que a própria natureza se associava à guerra contra o pobre escrete brasileiro.

Aqui, a distância, eu via a hora em que haveria, lá, um terremoto privativo dos brasileiros. Pois bem. E vencemos, amigos. Vencemos contra tudo e contra todos. E reparem que o escrete do Brasil não podia apresentar a sua máxima potencialidade. Primeiro houve uma baixa medonha. No jogo da Tchecoslováquia, com efeito, contundiu-se o deus Pelé. A notícia de sua distensão parou todo um povo. E viu-se uma coisa inédita para a experiência humana: — uma distensão chorada e velada por toda uma pátria.

Mas o povo brasileiro é tão formidável que, na vaga de um gênio, pôs outro gênio. Ou, por outras palavras, na vaga de Pelé, arranjou, improvisou outro Pelé: — Amarildo. E, no jogo seguinte, também Amarildo se machuca. Como se não bastasse, abriu-se, nas canelas de Didi, uma constelação de feridas. E que vimos nós? Levando nas pernas chagas deslumbrantes, Didi foi mais um príncipe etíope do que nunca. Contra o Chile, através dos noventa minutos, ele não perdeu, em instante nenhum, a sua ginga maravilhosa de gafeira.

Ferido na carne e na alma, o escrete do Brasil derrubou o Chile. É possível que até a natureza tivesse preparado algum terremoto contra nós. E ganhamos. Mesmo que atirassem contra o Brasil um furacão da Flórida, sairíamos invictos da batalha. E pior do que o terremoto, pior do que a torcida, pior do que as manchetes, pior do que o escárnio do rádio e da televisão: foi o juiz. Está provado que o árbitro entrou em campo para meter a mão no bolso do Brasil.

O ladrão fez o diabo para impedir o triunfo brasileiro. Inventou um pênalti, ou seja, deu um gol de presente ao Chile. Perseguiu os nossos jogadores com um descaro gigantesco. Não se conhece, na história do futebol, um apito tão cínico e tão vil. O seu pecado mais horrendo, porém, foi a expulsão de Garrincha. Não há no Brasil, não há no mundo, ninguém tão terno, ninguém tão passarinho como o Mané. O sujeito que se aproxima dele tem vontade de oferecer-lhe alpiste na mão. Os pombos aqui da Cinelândia, os pardais do Boulevard Vinte e Oito de

Setembro, diriam: — “Nosso irmão, o Mané.” E Garrincha foi expulso. Mas ganhamos assim mesmo. Pois vencemos o juiz, vencemos o escrete chileno, as manchetes, os terremotos, a cordilheira. Apedrejaram Garrincha, e vencemos.

Eis o mistério do escrete e do Brasil. O time ou o país que tem um Mané é imbatível. Hoje, sabemos que o problema de cada um de nós é ser ou não ser Garrincha. Deslumbrante país seria este, maior que a Rússia, maior que os Estados Unidos, se fôssemos 75 milhões de Garrinchas.

Fatos & Fotos, 23/6/1962

Pra quê essa gana destrutiva e bestial?

Amigos, fui testemunha, certa vez, de um fato prodigioso. Imaginem vocês que ia eu passando pelo cemitério, quando lá chegou um enterro. Alguém me esperava numa esquina próxima. Mas há um “charme” na morte, há um apelo que ninguém resiste. Entre um casamento, um batizado ou um enterro, qualquer um prefere o velório, embora este último não tenha os guaranás e os salgadinhos dos dois primeiros.

Diante de um caixão, o sujeito faz sempre esta reflexão egoísta e estimulante: “Ainda bem que eu não sou o defunto.” Mas, como ia dizendo: espiava eu o enterro, quando acontece uma coisa inédita: a multidão desandou a bater palmas. Nada se compara e nada descreve o meu assombro mudo. Pela primeira vez, eu via um defunto aplaudido. A meu lado, um cavaleiro berrava: “Bravos! Bravíssimo!” E só faltava pedir bis, como na ópera.

Ainda hoje me pergunto que méritos especiais e deslumbrantes teria esse cadáver para merecer tamanha apoteose fúnebre. Não importam as razões. O fato em si já constitui um escândalo bem singular. Assim, debaixo de palmas, lá foi enterrado o homem. E posso imaginar a perplexidade dos vermes, que se preparavam para roer-lhe as pobres carnes lívidas.

Da porta do cemitério passo para o Maracanã. Eu quero comparar as duas coisas: o defunto, aplaudido, e os jogos vaiados. Tão impróprias, inadequadas, insólitas como a apoteose fúnebre foram as vaias de sábado e domingo. Em dois dias, flagelamos quatro times, e com uma violência, uma implacabilidade nunca vistas.

No primeiro momento, ninguém soube o que pensar, o que dizer. Apareceram logo dois ou três paspalhões desfraldando a tese da sabedoria e infalibilidade de todas as vaias. Um colega puxou-me pelo braço e cochichou: “O povo não erra nunca!” Eu ia concordar. Súbito, porém, penso que esse mesmo povo salvou Barrabás e condenou Cristo. Enquanto crucificava o Messias, a multidão carregava o Barrabás na bandeja, e de maçã na boca, como um leitão assado.

De mais a mais, pode-se ter dado o caso da “vaia induzida”. Parte da crônica, com efeito, não sabe admirar, não gosta de admirar, e vive metendo o pau nos nossos jogos e nos nossos craques. Leiam os nossos comentaristas. Eles só veem peladas por toda a parte. E assim tentam cavar entre o torcedor e o futebol um abismo irreversível. Pra que essa gana destrutiva e bestial? Amigos, só Freud, em sua tumba, poderá explicar o “porquê”.

Lembro-me de certo cronista que num domingo foi desfeitoado pelo caçula, pela mulher e pela criada. Até o vira-latas da família rosnou contra ele. Quando o desgraçado saiu para o

Maracanã, ventava fogo. Claro que, nessa tarde, ele desancou o jogo, os craques, o juiz e os bandeirinhas. E ninguém podia imaginar que, por trás de sua fúria, estavam seus dramas, frustrações e vergonhas familiares.

Mas voltemos à vaia. Como era um fato novo, não tínhamos meios e modos para um julgamento imediato. E ninguém viu o óbvio. Pergunto: que óbvio? Vaiava-se ali o maior futebol do mundo. Sim, vaiava-se o futebol bicampeão do mundo. Outro óbvio, que convém enxergar, é o da tal “vaia induzida” e, portanto, sem nenhuma justiça e nenhuma sabedoria.

Esse desamor não levará o Brasil a tricampeonato nenhum. O torcedor precisa saber que, em certa crônica, há uma aridez de três desertos. E a hora é de simpatia, de apoio, de estímulo, de solidariedade. Será que o futebol brasileiro tem que se exilar para ser aplaudido? Será que nossos times só podem ser amados em outros idiomas?

O Globo, 29/7/1965

Coices e relinchos triunfais

Amigos, o meu personagem da semana é o cronista patricio que foi a Inglaterra. Pois bem: — saiu daqui bípede e voltou quadrúpede. Desembarcou no Galeão soltando, em todas as direções, os seus coices triunfais. Por aí se vê que o subdesenvolvido não pode viajar, e repito: — não pode nem ultrapassar o Méier. A partir de Vigário Geral, baixa, em nós, uma súbita e incontrolável burrice.

Não há, nas palavras acima, nenhuma piada. Faço uma casta e singela constatação. Ponham um inglês na Lua. E na árida paisagem lunar, ele continuará mais inglês do que nunca. Sua primeira providência será anexar a própria Lua ao Império Britânico. Mas o subdesenvolvido faz um imperialismo às avessas. Vai ao estrangeiro e, em vez de conquistá-lo, ele se entrega e se declara colônia.

É o que está acontecendo nas nossas barbas estarrecidas. O cronista que foi à Inglaterra (salvo raríssimas exceções) quer apenas isto: — fazer do futebol brasileiro uma miserável colônia do futebol inglês. Insisto no problema da viagem. O brasileiro que vai a Vigário Geral volta com sotaque, mas pergunto aos paralelepípedos de Boca do Mato: — tínhamos alguma coisa que aprender com o inglês?

Sim. Tínhamos. Por exemplo: — aprendemos como ganhar no apito. E, realmente, fomos caçados com a conivência deslavada dos juízes, dos juízes que a Inglaterra manipulava. Aí está o Canal 100. É o cinema, com uma ampliação miguelangesca, mostrando o nosso massacre. Nada descreve e nada se compara ao cinismo com que se exterminou Pelé. Tal cinismo foi, talvez, a maior lição que recebemos da Copa.

A melhor lição e não a única. Aprendemos também que um império se faz pulando o muro e saqueando o vizinho. E só uma coisa não precisávamos aprender: — futebol. Vocês viram a sorte do escrete russo no Brasil. É uma das melhores equipes do mundo. Só não foi finalista, no lugar da Alemanha, porque jogou a semifinal com nove elementos. E, aqui, a Rússia perdeu até em Maringá.

Mas há pior: — o mesmíssimo escrete russo tomou um banho de bola e de gols, sabem onde? Em Moscou. Aqui, o escrete inglês levou uma de cinco. Vejam bem: — de cinco. E só

concedemos ao adversário um único e compassivo gol. Pois bem. Vai o cronista à Inglaterra e lá tem todo o comportamento do subdesenvolvido, de várias encarnações. O futebol inglês, ou alemão, ou russo é de uma clara, taxativa, ululante mediocridade.

Trata-se de um retrocesso evidentíssimo. A grossura, a truculência, a deslealdade ou, numa palavra, o coice nunca foi moderno. É um futebol que se devia jogar de quatro, aos relinchos, aos mugidos; e que também se devia assistir de quatro, com os mesmos relinchos e os mesmos mugidos. Muito bem: — e que faz o cronista? Quer que o jogador brasileiro, o melhor do mundo, também se transforme num centauro — um centauro que fosse a metade cavalo e a outra metade também.

E não sei se vocês viram a página mais negra da nossa crônica. Vários colegas escalaram o escrete da Copa. Não há um único e escasso brasileiro. O leitor há de perguntar: — “Nem Pelé?” Nem Pelé. O cronista patricio está de tal forma fascinado com o futebol débil mental que varreu do mapa o divino crioulo. Dirá alguém que Pelé só jogou contra a Bulgária e foi assassinado no jogo Brasil x Portugal.

Mas nenhum jogador europeu fez, jamais, nada que se parecesse com as jogadas de Pelé na estreia brasileira. E mesmo de maca, mesmo de rabeção, ele teria que entrar em qualquer seleção da Copa. E Gilmar? E Paulo Henrique? E Altair etc. etc. Saímos da burrice da comissão técnica e vamos cair na burrice de certa crônica. Uma conseguiu destruir o escrete, a outra quer destruir o próprio futebol brasileiro.

Graças a Deus, há duas pessoas inteligentes em nosso futebol: — o craque e o torcedor. Os dois não estão de quatro. O craque tem uma qualidade que não se deixou cretinizar pela viagem. E a torcida sabe que a finalíssima foi a festa da mediocridade chapada.

Eu quero terminar dizendo: — quando, após a partida anteontem, o capitão inglês ergueu as mãos ambas a Jules Rimet, o urubu de Edgard Allan Poe declarava aos jornalistas credenciados: — “Nunca mais, nunca mais!” E, de fato, como as outras Copas vão ser disputadas em terreno neutro, nunca mais a Inglaterra vai conseguir impor o seu futebol sem imaginação, sem arte, sem originalidade. E o cronista que foi nos dois pés e voltou de quatro que se cuide. O mesmo urubu de Edgard Poe diria que não se levantará nunca mais, nunca mais, nunca mais.

O Globo, 1/8/1966

O escrete de loucos

Amigos, a bola foi atirada no fogo como uma Joana d’Arc. Garrincha apanha e dispara. Já em plena corrida, vai driblando o inimigo. São cortes límpidos, exatos, fatais. E, de repente, estaca. Soa o riso da multidão — riso aberto, escancarado, quase ginecológico. Há, em torno do Mané, um marulho de tchecos. Novamente, ele começa a cortar um, outro, mais outro. Iluminado de molecagem, Garrincha tem nos pés uma bola encantada, ou melhor, uma bola amestrada. O adversário para também. O Mané, com quarenta graus de febre, prende ainda o couro.

A partida está no fim. O juiz russo espia o relógio. E o Brasil não precisa vencer um vencido. A Tchecoslováquia está derrotada, de alto a baixo, da cabeça aos sapatos. Mas Garrincha levou até a última gota o seu “olé” solitário e formidável. Para o adversário, pior e

mais humilhante do que a derrota, é a batalha desigual de um só contra onze. A derrota deixa de ser sóbria, severa, dura como um claustro. Garrincha ateava gargalhadas por todo o estádio. E, então, os tchecos não perseguiram mais a bola. Na sua desesperadora impotência, estão quietos. Tão imóveis que pareceram empalhados.

Garrincha também não se mexe. É de arrepiar a cena. De um lado, uns quatro ou cinco europeus, de pele rósea como nádega de anjo; de outro lado, feio e torto, o Mané. Por fim, o marcador do brasileiro, como única reação, põe as mãos nos quadris como uma briosa lavadeira. O juiz não precisava apitar. O jogo acabava ali. Garrincha arrasara a Tchecoslováquia, não deixando pedra sobre pedra.

Se aparecesse, na hora, um grande poeta, havia de se arremessar, gritando: — “O homem só é verdadeiramente homem quando brinca!” Num simples lance isolado, está todo o Garrincha, está todo o brasileiro, está todo o Brasil. E jamais Garrincha foi tão Garrincha, ou tão homem, como ao imobilizar, pela magia pessoal, os onze latagões tchecos, tão mais sólidos, tão mais belos, tão mais louros do que os nossos. Mas vejam vocês: de repente, o Mané põe, num jogo de alto patético, um traço decisivo do caráter brasileiro: — a molecagem.

O Hélio Pellegrino, que é poeta e psicanalista, dizia-me, outro dia: — “O brinquedo é a liberdade!” E para Garrincha, o brinquedo, no fim da batalha, foi a molecagem livre, inesperada, ágil e criadora. Varou os pés adversários, as canelas, os peitos. Não tinha nenhum efeito prático a sua jogada arrebatadora e inútil. Mas o doce na molecagem é a alegria insopitável e gratuita. E não houve, em toda a Copa, um momento tão lírico e tão doce.

Amigos, ninguém pode imaginar a frustração dos times europeus. Eles trouxeram, para 62, a enorme experiência de 58. Jogaram contra o Brasil na Suécia, trataram de desmontar o nosso futebol, peça por peça. Toda a nossa técnica e toda a nossa tática foram estudadas com sombrio élan. Sobre Garrincha, eis o que diziam os técnicos do Velho Mundo: — “Só dribla para a direita!” Era a falsa verdade que se tornaria universal. O próprio Pelé parecia um mistério dominado.

Após quatro anos de meditação sobre o nosso futebol, o europeu desembarca no Chile. Vinha certo, certo, da vitória. Havia, porém, em todos os seus cálculos, um equívoco pequenino e fatal. De fato, ele viria a apurar que o forte do Brasil não é tanto o futebol, mas o homem. Jogado por outro homem o mesmíssimo futebol, seria o desastre. Eis o patético da questão: — a Europa podia imitar o nosso jogo e nunca a nossa qualidade humana. Jamais, em toda a experiência do Chile, o tcheco ou o inglês entendeu os nossos patrícios. Para nos vencer, o alemão ou o suíço teria de passar várias encarnações aqui. Teria que nascer em Vila Isabel, ou Vaz Lobo. Precisaria ser camelô no largo da Carioca. Precisaria de toda uma vivência de botecos, de gafi eira, de cachaça, de malandragem geral.

Aí está: — no Velho Mundo os sujeitos se parecem, como soldadinhos de chumbo. A dessemelhança que possa existir de um tcheco para um belga, ou um suíço, é de feitio do terno ou do nariz. Mas o brasileiro não se parece com ninguém, nem com os sul-americanos. Repito: o brasileiro é uma nova experiência humana. O homem do Brasil entra na história com um elemento inédito, revolucionário e criador: a molecagem. Citei a brincadeira de Garrincha num final dramático de jogo. Era a molecagem. Aqueles quatro ou cinco tchecos, parados diante de Mané, magnetizados, representavam a Europa. Diante de um valor humano insuspeitado e deslumbrante, a Europa emudecia, com os seus túmulos, as suas torres, os seus claustros, os seus rios.

Vocês assistiam, pelo videoteipe, todos os jogos. O europeu aparecia com uma seca, exata objetividade, sem uma concessão ao delírio. Ele próprio se engradava dentro de um esquema irreduzível. Ao passo que o Brasil faz um futebol delirante. Numa simples ginga de

Didi, há toda uma nostalgia de gafeiras eternas. O nosso escrete era vidência, iluminação, irresponsabilidade criadora. Só a Espanha é que chegou a lembrar o Brasil. Seu escrete parecia passional também. Mas logo se percebeu a falsa semelhança. Os espanhóis têm uma paixão sem gênio, uma paixão burra. Chegaram a nos ameaçar, por vezes. Veio, porém, um sopro da praça Sete, do Ponto de 100 Réis, e Amarildo, o Possesso, encampou dois.

Contra a Inglaterra foi uma vitória linda. Não tínhamos rainhas, nem Câmara de Comuns, nem lordes Nelsons. Mas tínhamos Garrincha. E tínhamos Zagalo, o de canelas finíssimas e espectrais. E Nilton Santos, com a sua salubérrima eternidade. E negros ornamentais, folclóricos, como Didi, Zózimo e Djalma Santos. Logo se viu, entre o nosso craque e o inglês, todo um abismo voraz. O inglês apenas joga futebol, ao passo que o brasileiro “vive” cada lance e sofre cada bola na carne e na alma. Djalma Santos põe, no seu arremesso lateral, toda a paixão de um Cristo negro.

E mesmo fora do futebol, o europeu faz uma imitação da vida, enquanto que o brasileiro vive de verdade e ferozmente. Ninguém compreenderá que foi a nossa qualidade humana que nos deu esta Copa tão alta, tão erguida, de frente de ouro. E mais: — foi o mistério de nossos botecos, e a graça das nossas esquinas, e o soluço dos nossos cachaças, e a euforia dos nossos cafajestes. Jogamos no Chile com ardente seriedade. Mas a última jogada de Mané, no adeus aos Andes, foi uma piada, tão linda e tão plástica. No mais patético das batalhas, o escrete soube brincar. Esse toque de molecagem brasileira é que deu à vitória uma inconcebível luz.

Fatos & Fotos, Edição histórica, junho de 1962

A realeza de Pelé

Depois do jogo América x Santos, seria um crime não fazer de Pelé o meu personagem da semana. Grande figura, que o meu confrade [Albert] Laurence chama de “o Domingos da Guia do ataque”. Examinando a ficha de Pelé e tomo um susto: — dezessete anos! Há certas idades que são aberrantes, inverossímeis. Uma delas é a de Pelé. Eu, com mais de quarenta, custo a crer que alguém possa ter dezessete anos, jamais. Pois bem: — verdadeiro garoto, o meu personagem anda em campo com uma dessas autoridades irresistíveis e fatais. Dir-se-ia um rei, não sei se Lear, se imperador Jones, se etíope. Racialmente perfeito, do seu peito parecem pender mantos invisíveis. Em suma: — ponham-no em qualquer rancho e a sua majestade dinástica há de ofuscar toda a corte em derredor.

O que nós chamamos de realeza é, acima de tudo, um estado de alma. E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: — a de se sentir rei, da cabeça aos pés. Quando ele apanha a bola e dribla um adversário, é como quem enxota, quem escorraça um plebeu ignaro e piolhento. E o meu personagem tem uma tal sensação de superioridade que não faz cerimônias. Já lhe perguntaram: — “Quem é o maior meia do mundo?” Ele respondeu, com a ênfase das certezas eternas: — “Eu.” Insistiram: — “Qual é o maior ponta do mundo?” E Pelé: — “Eu.” Em outro qualquer, esse desplante faria rir ou sorrir. Mas o fabuloso craque põe no que diz uma tal carga de convicção que ninguém reage, e todos passam a admitir que ele seja, realmente, o maior de todas as posições. Nas pontas, nas meias e no centro, há de ser o mesmo, isto é, o incomparável Pelé.

Vejam o que ele fez, outro dia, no já referido América x Santos. Enfiou, e quase sempre pelo esforço pessoal, quatro gols em Pompeia. Sozinho, liquidou a partida, liquidou o América, monopolizou o placar. Ao meu lado, um americano doente estrebuchava: — “Vá jogar bem assim no diabo que o carregue!” De certa feita, foi até desmoralizante. Ainda no primeiro tempo, ele recebe o couro no meio do campo. Outro qualquer teria despachado. Pelé, não. Olha para a frente, e o caminho até o gol está entupido de adversários. Mas o homem resolve fazer tudo sozinho. Dribla o primeiro e o segundo. Vem-lhe, ao encalço, ferozmente, o terceiro, que Pelé corta sensacionalmente. Numa palavra: — sem passar a ninguém e sem ajuda de ninguém, ele promoveu a destruição minuciosa e sádica da defesa rubra. Até que chegou um momento em que não havia mais ninguém para driblar. Não existia uma defesa. Ou por outra: — a defesa estava indefesa. E, então, livre na área inimiga, Pelé achou que era demais driblar Pompeia e encaçapou de maneira genial e inapelável.

Ora, para fazer um gol assim não basta apenas o simples e puro futebol. É preciso algo mais, ou seja, essa plenitude de confiança, de certeza, de otimismo que faz de Pelé o craque imbatível. Quero crer que a sua maior virtude é, justamente, a imodéstia absoluta. Põe-se por cima de tudo e de todos. E acaba intimidando a própria bola, que vem aos seus pés com uma lambida docilidade de cadelinha. Hoje, até uma cambaxirra sabe que Pelé é imprescindível na formação de qualquer escrete. Na Suécia, ele não tremerá de ninguém. Há de olhar os húngaros, os ingleses, os russos de alto a baixo. Não se inferiorizará diante de ninguém. E é dessa atitude viril e, mesmo, insolente, que precisamos. Sim, amigos: — aposto minha cabeça como Pelé vai achar todos os nossos adversários uns pernas de pau.

Por que perdemos, na Suíça, para a Hungria? Examinem a fotografia de um e outro time entrando em campo. Enquanto os húngaros erguem o rosto, olham duro, empinam o peito, nós baixamos a cabeça e quase babamos de humildade. Esse flagrante, por si só, antecipa e elucida a derrota. Com Pelé no time, e outros como ele, ninguém irá para a Suécia com a alma dos viralatas. Os outros é que tremerão diante de nós.

Manchete Esportiva, 8/3/1958

A Rússia e os Estados Unidos começaram a ser o passado.

Amigos, estamos atolados na mais brutal euforia. Ontem, quando rompia a primeira estrela da tarde, o Brasil era proclamado bicampeão do mundo. Foi um título que o escrete arrancou de suas rútilas entranhas. E, a partir da vitória, sumiram os imbecis, e repito: — não há mais idiotas nesta terra. Súbito o brasileiro, do pé-rapado ao grã-fino, do presidente ao contínuo, o brasileiro, dizia eu, assume uma dimensão inesperada e gigantesca. O bêbado tombado na sarjeta, com a cara enfiada no ralo, também é rei. Somos 75 milhões de reis.

De sábado para domingo houve a feérica vigília do triunfo. Ninguém tinha dúvidas. Aí é que está, ninguém tinha dúvidas. E sofríamos, porque há também a angústia da certeza. Mas eu falava da grande véspera. Luzes de macumbas nas esquinas, botecos iluminados como velórios. Vinte e quatro horas antes da batalha, já tropeçavam na rua os bêbados da vitória. Amigos, nunca foi tão fácil ser profeta.

Outrora o brasileiro era um inibido até para chupar Chicabon. Agora, não. Cada um de nós foi investido de uma vidência deslumbrante. Nós sentíamos o bi, nós o apalpávamos, nós o farejávamos. E, a partir de ontem, vejam como a simples crioulinha favelada tem todo o élan, todo o ímpeto, toda a luz de uma Joana D'Arc. De repente, todas as esquinas, todas as ruas estão consteladas de Joanas D'Arc. E os homens parecem formidáveis como se cada um fosse um são Jorge a pé — um são Jorge infante, maravilhosamente infante.

Mas falemos do escrete. Esse time de negros ornamentais, folclóricos, divinos deslumbrou o mundo. Foi o mais belo futebol que jamais olhos humanos contemplaram. Perdemos um Pelé. Mas o Brasil vive um momento de tão selvagem euforia que imediatamente descobrimos um novo Pelé. E repito: — feliz o povo que, na vaga de um gênio, põe outro gênio. Amarildo, o Possesso, surgiu contra a Espanha. Foi o novo Pelé proclamado.

Amigos, o Brasil fez no Chile um sofrido futebol, um futebol quase feio, um duro futebol de cara amarrada. Jogávamos para vencer. Amarildo, o dostoiievskiano, enfiava-se pela área como um rútilo epilético. Ao marcar os dois gols contra os espanhóis, pendia dos seus lábios uma baba elástica e bovina. E Garrincha? Foi o gênio duplo do escrete. E, com efeito, foi genial por ele e por Pelé. Vocês se lembram dos seus dois gols contra o Chile. O Mané estava na meia-esquerda. No primeiro gol, ele se tornou leve, elástico, acrobático. Deu uma cabeçada que enterrou o Chile.

O gênio soprava, o gênio ventava por todo o escrete. E, ontem, foi uma jornada deslumbrante. Os tchecos abriram o escore: 1 x 0. Setenta e cinco milhões de brasileiros perguntavam um ao outro: — “Vamos repetir 50?” Mas a derrota de 50 liquidou o Brasil da derrota. O que eu queria dizer é que, em seguida ao gol da Tchecoslováquia, Amarildo apanha a bola. Nos dois últimos jogos ele fora bem pouco Amarildo e bem pouco Possesso. Desta vez, porém, partiu para o gol. Antes que o adversário pudesse esboçar o ferrolho, Amarildo dribla um, dribla dois. O goleiro adversário sai para cortar o centro. Era chegado o grande momento. E então o Possesso enfia a sua bomba entre o goleiro e a trave. A bola, também possessa, foi se cravar no fundo das redes. Parecia apenas o empate, mas era já o bi. O trágico é que começara, de véspera, o carnaval da vitória. Nunca um povo teve uma certeza tão violenta e tão passional. O escrete tinha de vencer porque não era somente o escrete, era também o Brasil, era também o homem brasileiro.

No segundo gol, ainda Amarildo, ainda o Possesso. Nunca o Possesso foi tão dostoiievskiano como no segundo gol. Novamente adernou para a esquerda. Nenhuma força humana ou divina poderia quebrar-lhe o ímpeto sagrado. Driblou não sei quantos. Lá estava Zito. E o Dostoiévski deu-lhe o gol. Brasil na frente. Batida a Tchecoslováquia. Veio o terceiro, de uma bola alta de Djalma Santos. Vavá, furioso como um cossaco do Don, ou do Kuban, meteu a cabeça. A Tchecoslováquia estrebuchou e pôs fogo pelas narinas, como o dragão de são Jorge.

Setenta e cinco milhões de brasileiros profetizaram a vitória. Amigos, depois da vitória não me falem na Rússia, não me falem nos Estados Unidos. Eis a verdade: — a Rússia e os Estados Unidos já começaram a ser o passado. Foi a vitória do escrete, e mais: — foi a vitória do homem brasileiro, que é, sim, o maior homem do mundo. Hoje o Brasil tem a potencialidade criadora de uma nação de napoleões. Convença-se, leitor: — você é napoleônico. Hoje, o personagem da semana é o escrete, é o Brasil, é o brasileiro, é cada um de nós, somos todos nós, possessos, amarildos do Brasil.